

Conutridores do Carisma: os leigos e leigas maristas

Eder D' Artagnan Ferreira Guimarães¹

Orientadora: Prof^a Dr^a Adalgisa Aparecida Oliveira Gonçalves²

RESUMO

O artigo investiga a vivência laical do Carisma Marista, destacando seus elementos específicos a partir da experiência de 26 participantes do Curso de Animadores Laicais, realizado pelo Secretariado de Leigos do Instituto Marista, em 2015. A Epistemologia Qualitativa de González Rey foi utilizada como referência para analisar os dados. As informações foram agrupadas em três zonas de sentido – missão, espiritualidade e vida partilhada –, a partir das quais se discute o lugar e papel dos leigos na missão marista; os traços da espiritualidade marista que marcam as vivências e práticas de fé dos leigos; os espaços e dinâmicas de partilha de vida; as características que, na visão do grupo, identificam o laicato; o sentido de reconhecer-se como marista leigo; e as contribuições dos leigos para a vitalidade do Carisma Marista. Segundo a pesquisa, a vida laical marista resulta de um chamado vocacional pessoal que estrutura um estilo de vida peculiar, compromete os leigos na missão, demanda interação com os Irmãos, confere sentido de pertença institucional, favorece a realização pessoal, desenvolve a corresponsabilidade pela vida do Instituto e aporta contribuições para a relação entre Irmãos e Leigos, a vitalidade da missão, os processos formativos e o desenho de futuro para o mundo marista. Os leigos e leigas são compreendidos como conutridores do Carisma, neologismo criado com o sentido de nutrir conjuntamente e para explicitar que não apenas alimentam no Carisma sua vocação, missão, espiritualidade e opções de vida, como também lhe aportam vitalidade, crescimento e perenidade.

Palavras-chave: Leigos. Laicato marista. Instituto Marista. Carisma Marista. Champagnat.

ABSTRACT

The article investigates the laical experience within the Marist charism, highlighting its specific elements according to 26 participants of the Lay Animators Course conducted by the Secretariat of Laity of Marist Institute in 2015. The González Rey's Qualitative Epistemology was used as reference to analyze the data. Information has been grouped into three zones of sense – mission, spirituality and shared life –, from which it is discussed the place and roles of the laity into the Marist mission; traces of the Marist spirituality that mark the lay experiences and practices of faith; the spaces and dynamics of sharing life; the characteristics which identify the laity, according to the lay people; the meaning of recognizing oneself as a lay Marist; and

¹ Coordenador do Laicato na Província Marista Brasil Centro-Norte

² Professora e coordenadora dos cursos de Extensão e de Pós-Graduação *lato sensu* da Escola de Comunicação e Artes na Pontifícia Universidade Católica do Paraná – PUCPR

the lay contributions to the vitality of the Charism. According to the research, the lay Marist life emerges from a vocational calling that structures a peculiar lifestyle, commits the laity into the mission, demands interaction with the Brothers, gives sense of institutional belonging, promotes personal fulfillment, develops the co-responsibility to the life of the Institute; and adds contributions to the relationship between Brothers and Laity, to the vitality of the mission, to the formation processes and to design the future to the Marist world. The lay persons are understood as co nurturers of the charism, a neologism created with the meaning of joint nurturing and to clarify that they not only feed in it their vocation, mission, spirituality and life options, as well add to it vitality, growth and perpetuity.

Keywords: Lay people. Marist laity. Marist Institute. Marist charism. Champagnat.

RESUMEN

El artículo investiga la vivencia laical del Carisma Marista, destacando sus elementos específicos desde la experiencia de 26 participantes del Curso Animadores Laicales, realizado por el Secretariado de Laicos del Instituto Marista en 2015. La Epistemología Cualitativa de González Rey fue utilizada como referencia para analizar los datos. Las informaciones fueron agrupadas en tres zonas de sentido: misión, espiritualidad y vida compartida, desde las cuales se discute el lugar y rol de los laicos en la misión marista; los rasgos de la espiritualidad marista que marcan las vivencias y prácticas de fe de los laicos; los espacios y dinámicas de vida compartida; las características que, según el grupo, identifican el laicado, el sentido de reconocerse como marista laico; e las contribuciones de los laicos para la vitalidad del Carisma Marista. Según la investigación, la vida laical marista, resulta de un llamado vocacional personal, que estructura un estilo de vida peculiar, compromete a los laicos en la misión, demanda interacción con los Hermanos, confiere sentido de pertenencia institucional, favorece la realización personal, desenvuelve la corresponsabilidad por la vida del Instituto y aporta contribuciones para la relación entre Hermanos y Laicos, la vitalidad de la misión, los procesos formativos y el diseño de futuro para el mundo marista. Los laicos y laicas son comprendidos como conutridores del Carisma, neologismo creado con el sentido de nutrir conjuntamente y para explicitar que no sólo alimentan en él su vocación, misión, espiritualidad y opciones de vida, sino que también le aportan vitalidad, crecimiento y perennidad.

Palabras claves: Laicos. Laicado marista. Instituto Marista. Carisma Marista. Champagnat.

1. Introdução

Durante quase toda a história marista, o Carisma foi considerado um bem pertencente aos Irmãos, a quem cabia vivê-lo e mantê-lo vivo. Desde o Concílio Vaticano II, cuja eclesiologia definiu um lugar ativo para o laicato na Igreja, o Instituto Marista tem valorizado a presença dos leigos na vida e missão maristas, a tal ponto que hoje não se concebe a

continuidade do Instituto sem a contribuição laical. Mais recente ainda é o reconhecimento de que os leigos e leigas maristas são vocacionados que se identificam com o Carisma recebido por Champagnat e o vivenciam obviamente a partir da vida laical, com um estilo diferente da vida religiosa institucional própria dos Irmãos.

Mas o que significa reconhecer que os leigos também vivem o Carisma Marista? Está posta a questão da diferença, uma vez que a vida consagrada e a vida laical têm dinâmicas distintas e cada uma se desenvolve em espaçotempos também distintos. Se, por um lado, a relação dos Irmãos com o Carisma se dá a partir da tradição que moldou seu estilo de vida desde o início do Instituto, os Leigos e Leigas o vivem nas esferas profissional, familiar, comunitária, eclesial, religiosa, cultural, sociopolítica – e também marista. Se o Carisma é o mesmo, mas vivido em opções de vida distintas, que há de específico e de comum nessas vivências? Que nuances as experiências dos leigos aportam à missão, à vida comunitária e à espiritualidade maristas? Como os leigos elaboram e dão sentido à sua vivência de um Carisma nascido de um instituto religioso?

Há muitas produções focadas na vida e missão dos Irmãos Maristas, mas poucas com foco nos leigos maristas, até porque o laicato é um fenômeno relativamente recente na história do Instituto. Assim, este artigo se propõe investigar a vivência laical do Carisma Marista, fazendo relação com a vida marista dos Irmãos, mas destacando as experiências, percepções e perspectivas específicas dos leigos.

Para isso, foi realizada uma pesquisa com o grupo de participantes do Curso para Animadores Laicais, promovido pelo Secretariado de Leigos do Instituto Marista, de 19 de maio a 02 junho de 2015, na Casa Geral, em Roma, com o intuito de “capacitar leigos e leigas a assumirem responsabilidades na animação dos processos formativos laicais nos âmbitos local, provincial e internacional”. Participaram 55 leigos e leigas diretamente envolvidos na animação laical de 27 Unidades Administrativas (UA’s), ou seja, Províncias e Distritos Maristas. Após o curso, os participantes receberam um questionário no formato Google.docs em três línguas – português, espanhol e inglês –, com perguntas sobre sua vivência do Carisma. A participação foi espontânea.

Foram respondidos 26 questionários, com 09 leigos e 17 leigas de 19 Unidades Administrativas: Distrito do Paraguai, Província Marista do Rio Grande do Sul³ e Brasil

³ A Província do Rio Grande do Sul e o Distrito da Amazônia se tornaram a Província Brasil Sul Amazônia em dezembro de 2015.

Centro-Sul (Cone Sul e Brasil); Norandina, América Central, México Ocidental, México Central, Estados Unidos e Canadá (Arco Norte); Europa Centro-Oeste, Ibérica e Compostela (Europa); África Austral, África Centro-Oeste e Distrito de Madagascar (África); Ásia Oriental (Ásia); Austrália e Distritos do Pacífico e Melanésia (Oceania).

A análise dos dados foi fundamentada na Epistemologia Qualitativa, que define a subjetividade – seu elemento mais basilar – como um “sistema complexo capaz de expressar, através dos sentidos subjetivos, a diversidade de aspectos objetivos da vida social que concorrem em sua formação” (González Rey, 2005, p. 19). As percepções dos sujeitos, mesmo não objetivas, possibilitam compreender objetivamente um fenômeno. Segundo o autor, o conhecimento é uma construção humana possibilitada pela definição de zonas de sentido, que são os espaços de inteligibilidade produzidos pela pesquisa científica, e resulta tanto dos dados coletados junto aos sujeitos quanto da organização epistemológica utilizada pelo pesquisador para sistematizá-los.

Como o Instituto Marista define os leigos a partir das dimensões da missão, vida partilhada e espiritualidade, estas três zonas de sentido foram a referência para analisar os dados obtidos, confrontando a concepção institucional com o sentido atribuído pelos leigos à sua própria vivência marista.

2. O Instituto Marista após o Concílio Vaticano II

Para compreender o lugar dos leigos no Instituto Marista, é necessário retomar a eclesiologia do Concílio Vaticano II (1962-1965): a Igreja é o Povo de Deus formado igualmente pelo clero, vida consagrada e laicato, expressando vocações e ministérios específicos, porém unidos pela mesma dignidade batismal (cf. LG 30). O espírito conciliar pediu à Igreja um *aggiornamento*⁴ de sua identidade e missão, de maneira a retomar suas origens, dialogar com o mundo contemporâneo e encontrar nele o seu lugar. Segundo Botana (2005, p. 11-12), o Concílio deixa a toda a Igreja “uma tarefa complicada e nada fácil: substituir um sistema eclesial representado pela pirâmide, por outro sistema baseado no círculo, e este, horizontal; passar de uma Igreja definida como ‘sociedade perfeita’, perfeitamente hierarquizada, a outra Igreja definida como ‘comunhão’”.

⁴ Literalmente, “trazer para os dias de hoje”

As Congregações e Institutos de Vida Religiosa viveram esse tempo de maneira paradoxal: à medida que retomavam suas fontes fundacionais e se reposicionavam no mundo contemporâneo, dialogando com o novo contexto sociopolítico, econômico, cultural, eclesial e religioso, enfrentaram uma enorme evasão de religiosos e religiosas, que não conseguiram assimilar essas mudanças. O Instituto Marista, assim como outros de Vida Consagrada, teve nessa época a maior quantidade de Irmãos e, desde então, esse número só diminuiu. O laicato, ao contrário, começou a desenvolver sua formação, organização e participação eclesial e social, num movimento crescente ao longo das décadas seguintes.

No Instituto Marista, o XVI Capítulo Geral – CG (1967-1968), realizado com o intuito de responder ao chamado de *aggiornamento* do Concílio, começou a dar mais ênfase ao tema Carisma e, conseqüentemente, às questões de identidade e missão, que foram aprofundadas nos Capítulos seguintes. É nesse contexto que se dá o movimento de atualização da identidade institucional e da finalidade apostólica do Instituto. A compreensão de Carisma, fundamental para o *aggiornamento* proposto pela Igreja, vai se adequando à nova realidade eclesial e mundial, em que o lugar e a missão dos Irmãos são refletidos à luz do Concílio e das mudanças pelas quais passa o próprio Instituto. Assim vai se desenhando uma nova compreensão de vocação, identidade e missão dos Maristas contemporâneos, bem como do Carisma que lhes deu origem.

Enquanto o XVII CG (1976) esteve mais preocupado com as novas Constituições, aprovadas *ad experimentum* para apresentação à Santa Sé, o XVIII CG (1985) também destacou o tema da missão marista e costuma ser lembrado principalmente, no que diz respeito ao laicato, pela elaboração do projeto de vida do Movimento Champagnat da Família Marista (MChFM). O Capítulo seguinte (XIX, 1993) traz duas novidades significativas: a presença de leigos e leigas convidados para esta assembleia, da qual participavam, até então, somente os Irmãos; e o reconhecimento do “forte apelo a partilhar com os leigos nossa espiritualidade e carisma, o que enriquece nossa [*dos Irmãos*] própria experiência” (Atas do XIX CG, II.10). Os capitulares afirmaram acreditar que “participamos do carisma de Champagnat e somos chamados a interpretá-lo hoje, lá onde estivermos, e em união com os leigos” (idem, II.20); para isso, assumiram o compromisso de “transmitir o carisma e a espiritualidade marista aos leigos e aceitar que nos enriqueçam com sua maneira de viver a vocação cristã” (idem, V.34).

Nota-se que até então o caminho é unilateral, uma via única dos Irmãos em direção aos Leigos. A relação de reciprocidade se esboça a partir do XX CG (2001), que reconheceu como

sinal de vida o Carisma de Marcelino difundido pelo Espírito de Deus em muitos leigos, “que se sentem atraídos por seu projeto e partilham nossa missão, nossa espiritualidade e nossa vida” (Documento do XX CG, 10). Os capitulares acolheram o chamado a “aprofundar nossa identidade específica de Irmãos e Leigos, na partilha de vida: espiritualidade, missão, formação...” (idem, 26), em vista de alargar o espaço da tenda do Instituto para acolher o laicato marista. Há então a compreensão de que o Carisma não pertence ao Instituto, mas à Igreja, especialmente após a canonização de São Marcelino Champagnat, dois anos antes. No discurso de encerramento do Capítulo, o Ir. Seán Sammon, eleito Superior Geral, afirmou:

Nosso carisma marista é dom do Espírito à Igreja. Ao viver a vida consagrada no Instituto, temos responsabilidade especial no apreço e na promoção deste carisma, mas não pertence a nós nem ao Instituto com exclusividade. Ele é de todo o Povo de Deus. (Instituto dos Irmãos Maristas, 2001)

O XX CG demandou ainda a realização de fóruns internacionais da missão marista (Documento final, 48.6), que originou a I Assembleia Internacional da Missão Marista (AIMM), realizada em 2007, em Mendes/RJ, Brasil. 156 Irmãos e Leigos de 54 países se reuniram pela primeira vez para refletir conjuntamente sobre a missão marista no mundo contemporâneo. Entre os destaques, a afirmação da identidade evangelizadora do Instituto; o aprofundamento do *Advocacy*, a defesa dos direitos das crianças e jovens, assumida como a quarta dimensão da missão marista em 2010; e a utilização da expressão “Maristas de Champagnat” para designar simultaneamente Irmãos, Leigos e Leigas Maristas. As reflexões da AIMM ecoaram no XXI CG (2009), realizado dois anos depois e precedido por dois documentos importantes: a Circular *Tornar Jesus Cristo conhecido e amado* (2006), sobre a missão e a vida apostólica marista contemporânea, e *Água da rocha* (2007), sobre a Espiritualidade Marista.

Este Capítulo Geral manteve a presença de leigos convidados e reconheceu como apelo fundamental o sentimento de ser “impulsionados por Deus a sair para uma nova terra, que favoreça o nascimento de uma nova época para o carisma marista”. Assim, definiu três urgências, sendo uma delas a construção de “uma nova relação entre Irmãos e Leigos/as, baseada na comunhão, buscando juntos uma crescente vitalidade do Carisma Marista, no mundo de hoje”, uma vez que o futuro do Instituto é visto “como comunhão de pessoas no carisma de Champagnat, no qual se enriquecem mutuamente as nossas vocações específicas” (XXI CG, p. 36).

Ao longo desse tempo de reflexão e amadurecimento da identidade contemporânea do Instituto, houve mudanças crescentes em relação ao laicato: nos anos 1960, fala-se de colaboradores, aqueles que estavam nas escolas junto com os Irmãos e ali contribuía com a educação marista; na década seguinte, a expressão “família marista” inclui os familiares desses colaboradores nas atividades de integração, formação e celebração; nos anos 1980, teve início o Movimento Champagnat como forma de agrupar os leigos que desejavam aprofundar sua vivência do Carisma; o documento *Missão Educativa Marista*, publicado em 1998, define a evangelização como referência de um caminho conjunto e de missão compartilhada entre Irmãos e Leigos (Secretariado de Leigos Maristas, 2012).

Estaún (2012, p. 7) aprofunda a utilização da expressão “família marista” nas circulares dos Irmãos Léonida, Superior Geral entre 1946 e 1958, e Charles Raphaël (1958-1967) e nos escritos do Ir. Virgílio León (1927-1986), “que intuiu horizontes inopinados para a família marista, da qual foi apóstolo e propagador”; segundo o autor, o sentido da expressão foi se ampliando: primeiramente, se referia à família religiosa marista, os quatro ramos da Sociedade de Maria; depois, designava os familiares dos formandos, também responsáveis pela sua fidelidade vocacional; e finalmente passou a incluir “pessoas não vinculadas por compromissos jurídicos ou legais, mas pela sintonia que sentiam com o carisma, a espiritualidade e a missão dos Irmãos” (Estaún, 2012, p. 42-43). É com este sentido que o Instituto considera os leigos e leigas, algumas décadas depois, especialmente nos anos 2000, quando a evolução foi mais rápida: “alargar o espaço da tenda” (XX CG, 2001), para que Irmãos e Leigos estejam juntos e em comunhão; depois, “família carismática”, reconhecendo que os leigos, mais que colaboradores na missão, vivem o Carisma a partir do estado de vida laical; atualmente, a vocação laical é reconhecida e a discute-se a possibilidade de vinculação e pertença dos leigos e leigas ao Instituto. Segundo Botana (2005, p. 23), a força da família carismática não provém de uma relação de dominação e força, “como sucedia em épocas passadas, mas da comunhão entre as diversas instituições e grupos, a comunhão posta a serviço da mesma missão e enriquecida esta pelos carismas particulares de cada grupo”. Ou, no caso do Instituto Marista, a força está na vivência do Carisma original como família marista, constituída por Irmãos, Leigas e Leigos.

As expressões utilizadas ao longo dessas décadas revelam as mudanças de concepção sobre os leigos e seu lugar no Instituto, até o documento *Em torno da mesma mesa*, sobre a vocação dos leigos maristas de Champagnat, elaborado conjuntamente por Irmãos, Leigas e Leigos. Aqui se encontra um resumo preciso sobre a situação contemporânea do laicato

marista: “A realidade parece indicar que precisamos não apenas *alargar a tenda* do Instituto, mas juntos construir uma tenda nova na qual todos, leigos e irmãos, encontremos nosso lugar” (EMM, 145).

3. O Carisma Marista e o laicato hoje

Segundo Estaún (2012, p. 32), o Ir. Virgílio León “intui a família marista como uma comunhão de pessoas nascidas da fecundidade de um carisma recebido através de Maria e Marcelino”. O Carisma é teologicamente compreendido como “uma graça funcional comunicada pelo Espírito Santo a um membro ou um órgão de sua Igreja”, que “a emprega numa atividade específica para o bem do Corpo Místico (Rm 12,14; Ef 4,11-12; LG 45)” (Moral Barrio, 2012, p. 189). Há uma relação vital entre o Irmão Marista e o Carisma recebido pelo Pe. Champagnat: através das gerações de Irmãos, o espírito do Fundador chegou até os Maristas de hoje (*Circulaires*, T. 24, p. 78) e o Carisma original “vive e se prolonga no tempo e no espaço por meio da instituição, desde o começo do Instituto até nossos dias” (Moral Barrio, *idem*).

Para o Ir. Seán Sammon (2006, p. 28), Carisma é “um dom do Espírito oferecido para o bem da Igreja, que se estende a toda a humanidade”. Paredes (2014, p. 41) complementa que o carisma “não é somente uma tarefa a realizar (atenção aos pobres ou tarefas educativas ou de saúde), mas, sobretudo, uma forma de sentir o nosso Deus e nos sentirmos diante dele” e é reconhecido “como um dom do Espírito que herdamos e que agora se estende e se expande entre nós”. Green (2014) aponta esse movimento de expansão em Champagnat:

As distintas maneiras com que Marcelino respondeu à sua experiência do amor de Deus e a forma como compartilhava esse amor – o que podemos chamar de seu carisma pessoal – não apenas inspirou outros que se sentiram atraídos a fazer o mesmo, como já era articulada e desenvolvida por eles de modos consistentes e característicos. (Green, 2014, p. 10)

Atualmente, o Instituto Marista compreende este dom a partir de quatro componentes: o jeito de ser e uma pedagogia própria; a espiritualidade; a missão; e os modos de viver como Maristas de Champagnat. O *jeito de ser* é definido pelos valores da simplicidade, humildade e modéstia e a *pedagogia*, pelos traços da presença, simplicidade, amor ao trabalho, espírito de família e o jeito de Maria. A *espiritualidade marista* é apostólica, centrada em Jesus Cristo e vivida na missão, e mariana, inspirada na maneira como Maria viveu seu discipulado missionário. A *missão* compreende quatro dimensões: Educação, Evangelização, Solidariedade

e *Advocacy*. Isso tudo é vivido, com similaridades e peculiaridades, por *Irmãos, Leigos e Leigos*, conforme sua vocação e contribuição direta com a vitalidade do Carisma. Estes quatro componentes definem a identidade institucional, pois explicitam quem são os Maristas, por que existem, como vivem e como desenvolvem a sua missão cristã.

Ainda segundo o Ir. Seán Sammon, o Carisma oferecido à Igreja e ao mundo por mediação de São Marcelino Champagnat é mais do que o trabalho que fazemos, a espiritualidade que cultivamos ou as qualidades do nosso Fundador: é a ação do Espírito de Deus, querendo agir em cada Marista para que tenha a coragem, a visão prospectiva e a ousadia que fizeram o Pe. Champagnat sonhar o Instituto Marista como Boa Notícia para crianças, adolescentes e jovens. Ele finaliza: “hoje, o Espírito, tão ativo em nosso Fundador, anseia por viver e vibrar em você e em mim” (Sammon, 2006, p. 45).

Esta é uma visão inclusiva sobre o laicato. Reconhecer que também se vive o Carisma Marista como leigo é uma novidade, porque, desde o início, o Instituto foi levado adiante pelos Irmãos, cuja vida e missão eram indissociáveis. Ainda que o Instituto tenha iniciado com um grupo apostólico atuando nas escolas, por volta de 1820 esses jovens já se compreendiam como “não somente uma escola normal, mas também uma comunidade religiosa submissa a um superior; não um grupo apostólico com múltiplas funções paroquiais, mas uma comunidade com vocação docente” (Lanfrey, 2014, p. 158). Quer dizer, vocação, opção fundamental e apostolado já estavam imbricados organicamente na vida dos primeiros Irmãos. Quando se afirma que os leigos vivem o Carisma assim como os Irmãos, mas em outra opção de vida, quais são as implicações?

Primeiramente, é necessário compreender quem são os leigos. Segundo a Igreja, são “os fiéis incorporados em Cristo pelo Batismo, tornados participantes, a seu modo, da função sacerdotal, profética e real de Cristo” e que “exercem, pela parte que lhes toca, a missão de todo o Povo cristão na Igreja e no mundo” (LG 31). O documento da Conferência de Aparecida complementa o conceito explicitando o campo específico da atividade evangelizadora laical: o complexo mundo do trabalho, da cultura, das ciências e das artes, da política, dos meios de comunicação e da economia, assim como as esferas da família, da educação, da vida profissional, sobretudo nos contextos onde a Igreja se faz presente somente por eles (DA, 174).

Daí se chega ao conceito de leigo marista. Assim como na Igreja há os fiéis que participam do serviço religioso e os leigos que assumem sua vocação laical e contribuem ativamente com a missão evangelizadora, o Instituto conta com colaboradores e leigos. Os

colaboradores são profissionais que “desejam realizar sua tarefa com eficiência”, mas “demonstram pouco ou nenhum interesse em assumir a visão de Marcelino e sua espiritualidade” (Sammon, 2006, p. 54); sua contribuição com a missão é técnica, no sentido de que desenvolvem uma atividade profissional necessária à continuidade da missão institucional.

Os leigos e leigas maristas também contribuem profissionalmente – ou como voluntários – com a missão do Instituto, mas vão além, pois são “cristãos e cristãs que atenderam ao chamado de Deus para viver o carisma de Champagnat e a ele respondem a partir de seu estado de vida laical” (EMM, 12). A resposta implica um compromisso com as três dimensões fundamentais cristãs e maristas: a missão, a vida partilhada e a espiritualidade. Essas dimensões, que integram a vocação e a opção de vida de Leigos e Irmãos, são “inseparáveis: a espiritualidade é vivida na e para a missão; a missão cria e anima a vida partilhada; a vida partilhada é, por sua vez, fonte de espiritualidade e de missão” (EMM, 34). As três são, portanto, chaves para compreender a relação entre os leigos e leigas maristas e o Carisma, tendo como referência principal a história construída com os Irmãos, mas abordando especificamente a vivência laical contemporânea.

4. Os leigos e leigas na missão marista

Primeiramente, é necessário compreender que a missão marista é um desdobramento da missão cristã; esta, segundo Brighenti (2006), engloba dois trinômios imbricados um no outro. O primeiro é *Jesus Cristo-Discípulo-Missão*: “o discipulado remete ao Mestre – Jesus de Nazaré – e a missão, à continuidade de sua obra”, sendo que “não há missão implícita e explicitamente cristã que não seja continuidade da obra de Jesus, na história, sob o dinamismo do Espírito de Pentecostes”. O segundo trinômio é *Igreja-Reino de Deus-Mundo*: “não há Igreja sem Reino de Deus e fora do Mundo, da mesma forma que não há Reino de Deus fora do Mundo, ao qual pertence a Igreja”. Por isso, evangelizar

é muito mais do que uma mera proclamação do *kerigma*. É antes um processo de passagem de situações menos humanas para mais humanas, através do testemunho (*martyria*), do anúncio (*kerigma*), da catequese (*didaskalia*), da formação teológica (*krisis*), da celebração na liturgia daquilo que se espera (*leitourgia*), do serviço, em especial aos mais pobres (*diakonia*), em espírito de comunhão com os irmãos na fé (*koinonia*). (Brighenti, 2006).

Assim, o discipulado cristão se dá “em vista de uma missão no mundo, dado que a Igreja existe para o mundo, enquanto continuação da obra de Jesus, que consistiu em fazer presente e, cada vez mais visível, o Reino de Deus na história” (idem). A missão marista é uma maneira específica de dar continuidade à missão cristã e os Maristas de Champagnat são, primeiramente, discípulos de Jesus. Tornar Jesus Cristo conhecido, amado e seguido entre as crianças, adolescentes e jovens, especialmente as mais pobres, foi a maneira como Champagnat compreendeu, no seu tempo, a necessidade de encarnar o Evangelho nas realidades rurais da França. Essa missão é desenvolvida hoje nas escolas, unidades sociais, universidades, centros de juventude e comunidades eclesiais, além de iniciativas realizadas em outros espaços e áreas de atuação. A presença de leigos e leigas nesses espaços é evidente, inclusive exercendo funções estratégicas e de gestão que, até algum tempo atrás, eram exclusivas dos Irmãos.

É importante destacar que a missão tem um sentido mais profundo que o mero desempenho das funções laborais. O primeiro decreto da Igreja sobre a missão laical, *Apostolicam Actuositatem* (1965), afirma que “o apostolado dos leigos, uma vez que dimana da sua própria vocação cristã, jamais pode deixar de existir na Igreja. A própria Sagrada Escritura demonstra abundantemente quão espontânea e fecunda foi tal atividade nos primórdios da Igreja (cf. At 11,19-21; 18,26; Rm 16,1-16; Fl 4,3)”. Na visão de Turú (2015, p. 4), “não dizemos que a Igreja ou o Instituto marista tenha uma missão, mas que a missão tem uma Igreja, que a missão tem o Instituto Marista, que a missão tem a mim e a você”. Logo, a contribuição dos leigos e leigas só pode ser compreendida sob o prisma da missão cristã desenvolvida nos espaçotempos maristas.

Assim, é interessante conhecer os lugares onde os leigos estão, na missão marista, com quem atuam diretamente e qual é, concretamente, sua contribuição com a missão do Instituto.

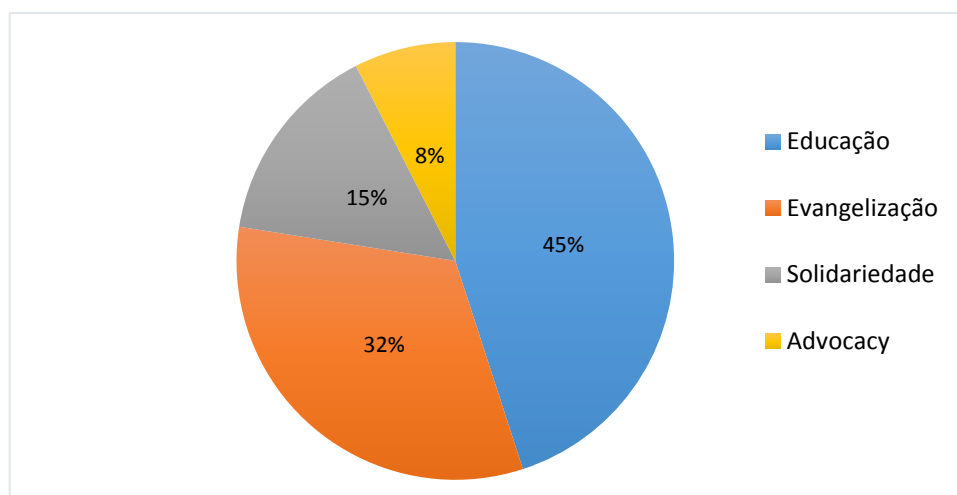
4.1 Os lugares da missão

A presença de leigos e colaboradores na missão marista é a parte mais visível da vivência laical do Carisma, pois a atuação profissional é a porta de entrada para muitos homens e mulheres se descobrirem leigos maristas. Todos os participantes da pesquisa reconhecem seu trabalho como parte da missão do Instituto, mas esse entendimento resulta da sua vivência como leigos e leigas maristas. A contribuição profissional com a instituição não se constitui, por si só, como missão marista. Esta é compreendida na perspectiva da missão cristã, da

eclesialidade do Instituto e do sentido comunitário que envolve Irmãos e Leigos na continuidade do apostolado iniciado por Champagnat.

Perguntados sobre seu envolvimento com as dimensões da missão, o grupo respondeu o seguinte:

Gráfico 1: Envolvimento dos leigos com as dimensões da missão marista



Fonte: O autor

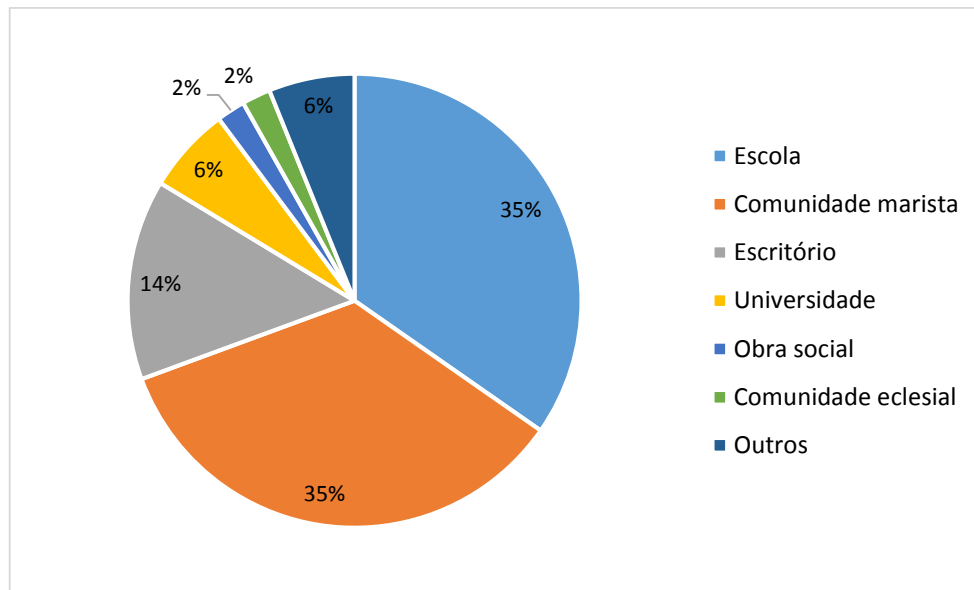
Salta aos olhos a diferença no envolvimento com as dimensões. Há razões para isso. Primeiro, a divisão em dimensões é mais didática do que prática: dada a identidade eclesial do Instituto, não é possível estar envolvido com educação e solidariedade maristas, por exemplo, sem transitar também pela evangelização. Depois, as escolas, *locus* primeiro da missão marista, continuam sendo seu principal espaço na grande maioria das UA's; as unidades sociais, mantidas com recursos obtidos de escolas e faculdades ou de entidades parceiras, costumam existir em menor número. O *Advocacy*, por sua vez, foi a última área de atuação a ser reconhecida como parte da missão marista; até 2010, considerava-se apenas as outras três.

Além disso, a atuação na defesa dos direitos se dá mais em espaços públicos, como os fóruns e conselhos de direitos, do que especificamente maristas. Logo, é compreensível que muitas UA's tenham avançado menos na atuação em espaços de controle social e incidência política. Há, finalmente, questões relacionadas ao formato da pesquisa – os participantes

podiam marcar mais de uma opção; 10 marcaram somente “educação” e 05, somente “evangelização”; os outros 11 marcaram duas ou três opções.

Além de se identificar com cada dimensão, o grupo informou o lugar de onde contribuem com a missão, conforme o gráfico a seguir.

Gráfico 2: Espaços onde os leigos desenvolvem a missão marista



Fonte: O autor

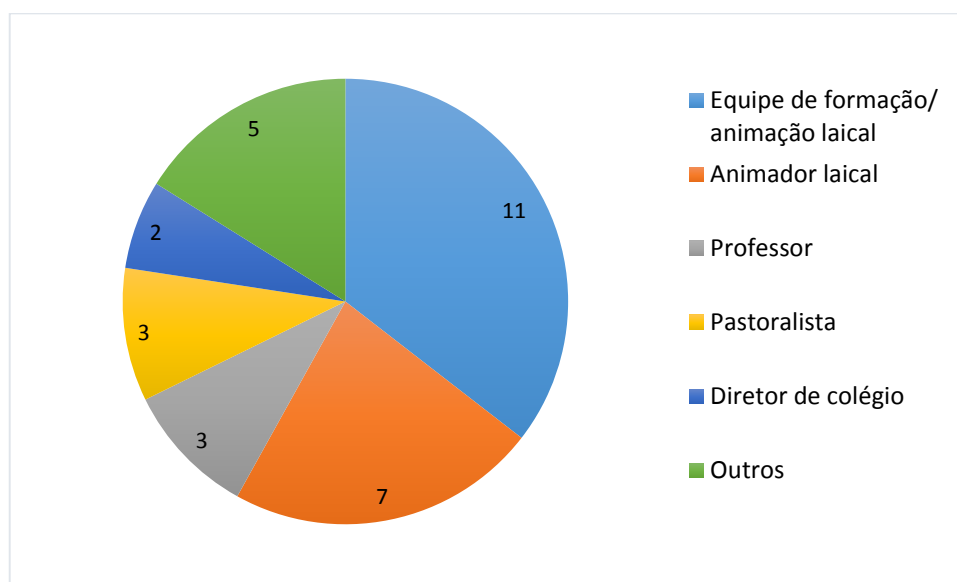
Dada a porcentagem de participantes que atuam nas escolas, faz sentido que a dimensão mais apontada seja a educação. O grupo pesquisado tem grande interação com o espaço escolar, em funções de docência, gestão, pastoral e formação institucional e carismática. Estão igualmente na comunidade marista, tanto no sentido de comunidade religiosa como o espaço mais amplo em torno do qual estão os Irmãos, Leigas e Leigos. Os que assinalaram “escritório” se referem à instância central a partir de onde são desenvolvidas as iniciativas provinciais; são, em sua maioria, responsáveis pela animação, formação e acompanhamento dos leigos. Poucos estão nas universidades e obras sociais, que são minoria em comparação com as escolas de educação básica. Apesar dessa diversidade de espaços, aparece como elemento comum o envolvimento com os processos provinciais de animação laical.

Embora chame a atenção a pouca ênfase na participação eclesial, informações posteriores revelam a presença dos leigos nesse espaço comunitário. Como a pergunta era sobre

o lugar onde desenvolvem a missão, com a possibilidade de assinalar duas respostas, o grupo destacou que o campo de atuação predominante são os espaços maristas e que a participação eclesial fora deles se dá mais como participantes do que como lideranças. Os leigos que assinalaram a opção “outros” se referem a estruturas próprias da UA, sem equivalentes nas outras, como “setores provinciais” e “estrutura canônica”.

Além dos espaços de atuação na missão marista, os leigos foram perguntados sobre a função que desempenham na Província/Distrito e responderam desta forma:

Gráfico 3: Funções na Unidade Administrativa



Fonte: O autor

A maioria do grupo integra as equipes provinciais de animação laical, seja na função específica de animador/a laical ou acumulando o trabalho nas escolas com a formação, animação e acompanhamento dos leigos em nível provincial; nesse caso, marcaram duas respostas. A relação entre as funções desempenhadas, o envolvimento com as dimensões da missão e o lugar onde exercem seu ministério mostra a complementaridade entre essas informações: como a maioria é referência local de vivência laical do Carisma, também está comprometida com instâncias mais amplas onde pode animar e acompanhar os processos laicais.

É interessante perceber que o trabalho de animação laical costuma ser relacionado diretamente à evangelização, mas a pesquisa revela leigos desempenhando diversas funções nas escolas e outros espaços maristas. A identificação com o Carisma e o testemunho de vivência marista, a partir do lugar onde atuam, levam-nos a contribuir com as instâncias responsáveis pela animação dos leigos. A vivência laical é condição para as funções relacionadas a este trabalho, o que é coerente: como animar processos vocacionais laicais sem ter feito pessoalmente essa opção de vida?

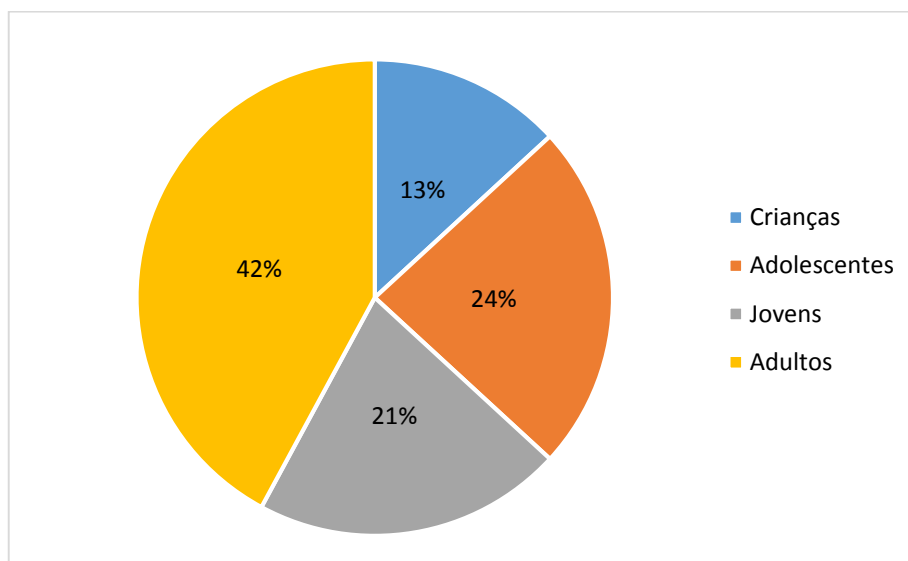
A opção “outros” se refere a funções específicas da província, que não encontram correspondência – pelo menos na expressão utilizada para descrever a função – nas demais unidades administrativas.

4.2 Os interlocutores da missão marista

Além das informações sobre seus lugares de missão e funções desempenhadas, os leigos foram perguntados sobre as pessoas com quem atuam, no dia a dia e nos espaços onde estão. Vale lembrar que a missão do Instituto é desenvolvida com crianças, adolescentes e jovens, na instituição escolar e em outras estruturas de educação formal e informal (MEM, 126-210). Há iniciativas específicas com adultos e idosos, mas geralmente em função do trabalho que estes realizam com o público infanto-juvenil.

Perguntados sobre a faixa etária com quem atuam diretamente, no dia a dia da missão, deram as seguintes respostas:

Gráfico 4: Faixa etária com que os leigos atuam diretamente



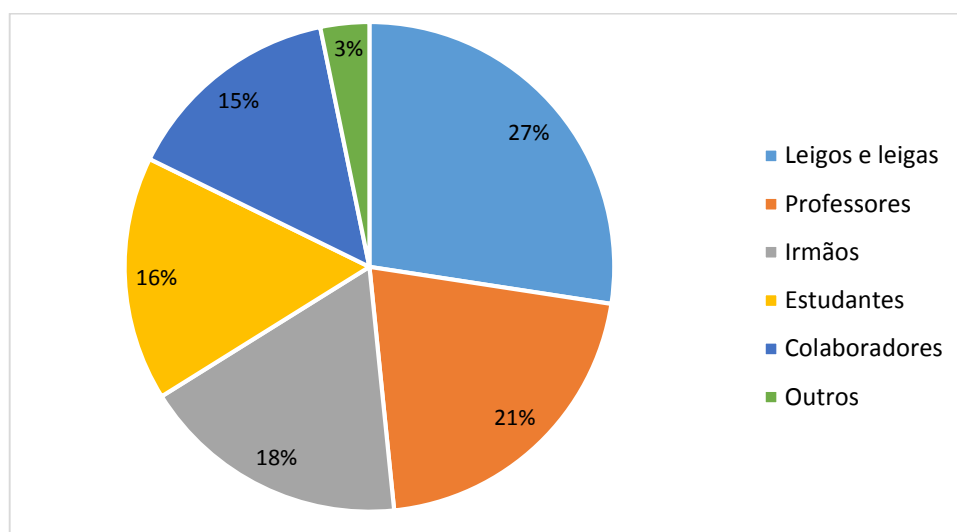
Fonte: O autor

Nesse gráfico, não há surpresas. Uma minoria (13%) atua com crianças e 45%, com adolescentes e jovens. Os leigos que atuam diretamente com crianças e adolescentes são aqueles que estão em escolas, tanto na docência quanto na pastoral e gestão; algumas leigas são professoras da educação infantil e outros lecionam no Ensino Médio e/ou acompanham a Pastoral Juvenil Marista (PJM), cuja maioria é de estudantes adolescentes. Nessa atuação, portanto, predominam as atividades propriamente educacionais, evangelizadoras e sociais, conforme os projetos escolares e, no caso dos jovens, segundo a dinâmica da universidade e os projetos pastorais envolvendo estudantes maristas que terminaram a educação básica.

Quase metade do grupo trabalha com adultos, o que também não surpreende: dadas as funções desempenhadas na província, lidam diretamente com as pessoas envolvidas nos processos laicais. Isso confirma um dado empírico: a lacuna entre o trabalho feito com jovens, como a PJM, e a animação específica para o laicato marista. Revela também a dificuldade de considerar os jovens como leigos, por um lado, e de integrar processos formativos laicais, por outro. Qual a relação entre PJM, Animação Vocacional, Movimento Champagnat e itinerários vocacionais para leigos? Que elementos favoreceriam a integração entre essas iniciativas que, mesmo abarcando diferentes faixas etárias, estão relacionadas à vivência laical do Carisma?

Além da faixa etária, interessa saber qual é o público com quem o grupo atua diretamente, no dia a dia da missão. As respostas foram as seguintes:

Gráfico 5: Público com quem os leigos atuam no dia a dia



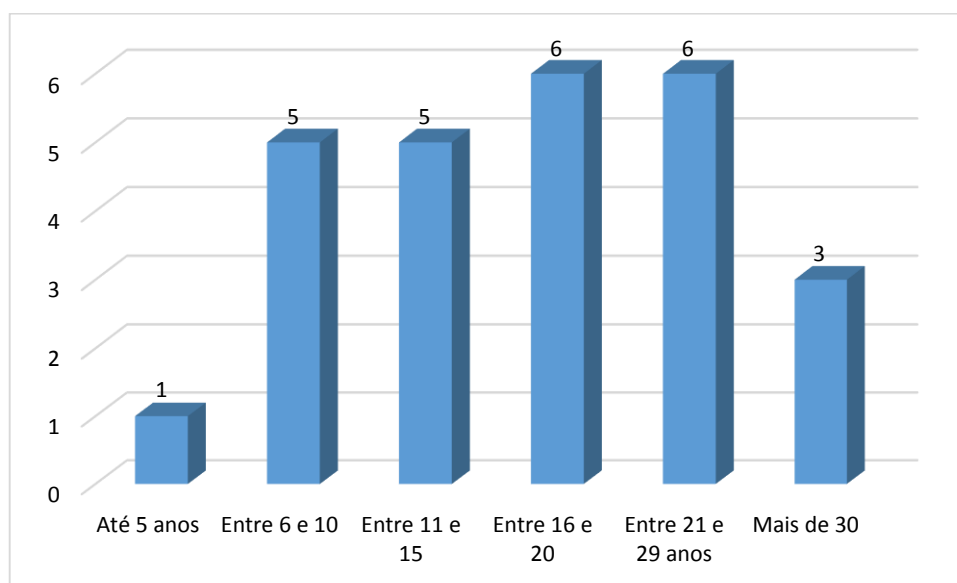
Fonte: O autor

Os números são coerentes com as funções desempenhadas nas UA's. Quase um terço do público com quem atuam é de leigos e leigas; como os participantes estão envolvidos diretamente com a animação do laicato, não surpreende que trabalhem mais com esse grupo, que inclui pessoas em processos de formação e animação laical, exercendo diversas funções nas unidades maristas. É provável que o público “professores” inclua também leigos e leigas e que, entre os “estudantes”, haja adolescentes e jovens envolvidos com projetos pastorais e solidários, que são um caminho para despertar e cultivar a vocação laical.

Vale observar que os leigos e os animadores laicais costumam estar implicados na formação institucional sobre o Carisma, desenvolvendo atividades direcionadas a professores, colaboradores e estudantes. Daí assinalarem o trabalho direto com os “Irmãos”: como as equipes de animação do laicato são compostas por Leigas, Leigos e Irmãos, estes não são público-alvo da atuação dos leigos, mas interagem nos processos de animação laical, de formação conjunta e de comunhão. Além disso, os professores e gestores escolares trabalham também com outros professores, colaboradores e estudantes, o que amplia seu público.

Outra informação importante é o tempo de trabalho desses leigos na instituição. O grupo respondeu o seguinte:

Gráfico 6: Tempo de atuação dos leigos no Instituto Marista



Fonte: O autor

Nota-se que apenas um leigo está na instituição há menos de 5 anos; 10 (38%) estão entre 6 e 15 anos e 12 (46%), entre 16 e 29 anos. Os números fazem sentido, considerando que as funções de animação do laicato são geralmente atribuídas a quem já tem certo conhecimento institucional, contribuição com diversas áreas e vivência do Carisma – uma bagagem que exige tempo, formação teórica e experiências pessoais e comunitárias desenvolvidas a partir dos espaçotempos maristas. Entre o grupo que assinalou mais de 20 anos como Maristas, há ex-estudantes das escolas maristas, que consideram seu tempo de educação básica já como uma experiência de vivência carismática. Logo, somam o tempo como estudante e o tempo de trabalho profissional para totalizar o período em que fazem parte do Instituto.

Embora o tempo de vínculo institucional não garanta, por si só, conhecimento do Instituto e vivência carismática, é raro que uma pessoa iniciante na vida marista seja responsável pelo trabalho de animação dos leigos e leigas. O grupo demonstra um conhecimento considerável sobre os processos provinciais, corresponsabilidade pela missão marista e autoidentificação como leigos maristas, o que fica evidente nas questões seguintes.

4.3 O sentido da missão marista na vida dos leigos

A partir da constatação de que o envolvimento dos leigos com a missão marista extrapola a questão profissional, foi perguntado sobre a relação entre essa missão e as outras dimensões da vida: relações interpessoais, família, comunidade eclesial, trabalho, estudo... Todas as respostas afirmam a integração entre a missão marista e essas dimensões, por causa dos “valores e as crenças que procuro viver em todos os momentos” e porque “Eu compreendo o carisma e espiritualidade maristas como partes integrantes do meu projeto pessoal de vida. A maneira que eu vivo o cristianismo é do jeito marista. A vivência dos valores maristas extrapola o ambiente de trabalho e atinge as relações interpessoais, o ambiente familiar, a comunidade eclesial etc.”.

Os leigos demonstram uma visão integradora entre a missão marista e a vida pessoal: “Eu sou uma, e como tal atuo em todos os âmbitos de minha vida”. Destacam a influência da missão nas relações interpessoais e na presença em outros ambientes: “Minha forma de ser marista e de viver alguns valores matiza toda a minha atuação na profissão, em meu grupo de Espiritualidade Marista, em minha família e com os companheiros e amigos.” Os valores aprendidos no exercício da missão se refletem nas relações afetivas: “O jeito relacional dos Maristas e o espírito de família é o que eu valorizo e tento promover em minhas próprias relações com familiares e amigos”. Isso decorre da identificação com os valores maristas, que são vividos em outros espaços: “Ser marista tem me ajudado a me relacionar com os outros no espírito de humildade e simplicidade, com autenticidade”. Há, além disso, uma dinâmica de relacionamento que se estabelece a partir da missão: “Trato de viver meu ser marista em todas as relações, já que concebo a missão marista como uma forma de ser em relação a..., mais que as funções que realizo”.

Da mesma forma, as relações familiares são envolvidas direta ou indiretamente: “O Carisma Marista toca praticamente todos os aspectos da minha vida. Minhas filhas estudam na escola marista. Elas também vão para o acampamento marista trabalhar e brincar. Nossa família é parte do Movimento Champagnat. Nossos melhores amigos são leigos maristas. Temos uma casa de campo na comunidade marista onde minha esposa e eu oferecemos voluntariamente nosso tempo para toda a comunidade marista.” Outra leiga afirma que o Carisma “influencia todas as minhas relações, especialmente as familiares”, explicitando que “eu, meu marido e minha filha somos Fraternos do MChFM”.

O espírito de família toma forma também nos “relacionamentos dentro da minha rede familiar – sendo irmão de todos”. É uma experiência de infinitude, no sentido dado por Estaún (2014, p. 116): “a relação viva que medeia entre o ‘eu’ e o ‘tu’ através do fenômeno humano do *encontro*, realizado no vínculo vivo entre as pessoas e na sua inter-relação no diálogo e no amor”. A experiência de encontro explica porque a missão marista ocupa espaço tão importante na vida dos leigos: se não influenciasse positivamente sua vida e entorno, eles – especialmente os casados e/ou com filhos – certamente enfrentariam dificuldades para dedicar-lhe tanto do seu tempo e empenho.

Segundo o grupo, a missão influencia ainda a dinâmica do espaço de trabalho. Uma vez que todos os pesquisados mantêm vínculo profissional com a instituição, demonstram uma visão mais fraterna sobre as pessoas presentes no espaço laboral: “Minha missão marista me ajudou a me conectar com outros maristas que eu não conhecia no meu trabalho. Vim a compreender a importância do relacionamento saudável entre a comunidade e a vida familiar como maristas. Tentar suprir as necessidades tem sido minha grande conquista, especialmente aquelas relacionadas aos estudantes das escolas maristas.” Desta forma, o trabalho favorece o desenvolvimento de uma sensibilidade para com as crianças, adolescentes e jovens; estimula relações fraternas com os colegas que estão no mesmo ambiente; confere ao exercício da profissão um sentido de realização pessoal: “[a missão] me inspirou a valorizar e amar o trabalho”; e molda uma dinâmica própria de relacionamento profissional: “Tento viver minha vida pessoal de acordo com o Carisma Marista, praticando os valores do espírito de família, presença e simplicidade. Com meus colegas de escola eu rezo e estudo os ensinamentos de Marcelino.” Pode-se reconhecer, nessas posturas, a diferença prática entre os leigos, “aqueles que se engajam com entusiasmo em uma obra”, e os colaboradores, “para quem o trabalho é apenas um bom emprego” (Sammon, 2006, p. 54-55): o colaborador desempenha com profissionalismo suas funções, enquanto o leigo, além do trabalho, contribui para que o espaço marista seja dinamizado a partir dos valores, da pedagogia e da espiritualidade maristas.

O engajamento eclesial é outra decorrência da missão: “Meus irmãos também estão envolvidos no tema da animação laical e pertencem a um grupo de jovens. Meu grupo de referência também é composto por animadores de grupos de adultos ou professores.” Na concepção dos leigos, a missão marista faz parte de uma realidade eclesial mais ampla: “O Marista traz um rosto humano e marial para minha fé católica – uma oportunidade de viver meus valores”. É curioso observar que a maioria não assinalou explicitamente a participação

eclesial, quando perguntados sobre os espaços de missão, mas a presença na comunidade de Igreja é percebida em várias falas. O tema será retomado na discussão sobre espiritualidade.

Segundo o grupo, a missão demanda a proximidade com os interlocutores dela: “Estou engajado na animação dos jovens. A missão reforçou minha vida espiritual.” Provoca ainda o deslocamento para outros lugares: “A finalidade de formarmos-nos, rezar e viver em família é projetarmos-nos em direção aos mais necessitados, ou seja, os da periferia.” Isso ecoa o apelo que o Instituto tem feito, nos últimos anos, de aumentar a presença marista nos espaços de inserção e aproximar-se dos “Montagnes de hoje”. A disponibilidade de deslocar-se para diferentes espaços de missão não é problema: “Sou uma mulher solteira e não apresento dificuldade nenhuma para a missão”. Para leigos e leigas que constituíram família, esse deslocamento depende de como afeta a vida dos familiares, especialmente filhos pequenos.

O fio condutor dessas falas é a convicção de que a missão é um jeito de ser, mais que uma tarefa ou função: “Creio que a missão marista é algo que se vive em todas as dimensões e não acredito que sejam apenas temas à parte, mas uma vida integrada.” É um elemento agregador, em torno dos quais se estruturam as várias dimensões vitais: “Está relacionado a todos os aspectos da minha vida, porque ser Marista é quem eu sou.” O reconhecimento de que “a missão marista impregna toda minha vida e é um permanente confrontar o que faço com o que pretendo viver” confere aos leigos um estilo de vida próprio: “A missão marista é parte da vida diária, ser marista é um estilo de vida, que você envolve nas relações interpessoais com seus amigos; as fraternidades e grupos de vida também lhe permitem manter experiências novas de vida; e a família, como primeira Igreja, é implicada diretamente neste estilo de ser”. É positivo perceber uma relação integradora entre a missão marista e a vida dos leigos, considerando que o tempo e empenho investidos poderiam facilmente resultar em fragmentação entre a vivência nos espaços maristas e outras esferas – pessoais, afetivas, eclesiais... – igualmente importantes.

Contribuí para esse movimento integrador a sintonia entre relações interpessoais, as tarefas propriamente da missão e o bem proporcionado por elas: “viver a partir da simplicidade nas relações, sentir-me e fazer os outros se sentirem como parte de uma família na qual se está presente de maneira próxima; trabalhar pensando que alguém obterá algum benefício com o que posso fazer neste momento, são atitudes que, sem dúvida, me nutrem no dia a dia, e aprendi a desenvolver isso em tudo o que faço e com quem me relaciono, desde que cheguei a ser parte da família marista”. Assim, relacionamentos, missão e pessoas se imbricam numa mesma

sinergia; há uma dimensão relacional e afetiva bastante característica desse modo de estar na missão, e que é expressa como um elemento forte da vida laical e da maneira como os leigos se envolvem na dinâmica do Instituto.

Isso tudo os ajuda a desenvolver a consciência do seu lugar no mundo, para além dos muros maristas: “A missão marista me ajuda a ver e refletir as realidades do mundo à minha volta com todas as dúvidas e medos, oportunidades e desafios, para discernir o que está acontecendo realmente em minha vida, assim como nas vidas dos outros”. O envolvimento com as pessoas nesses espaços e a maneira de cumprir essas atividades contribuem para desenvolver uma visão de mundo ampla, crítica e solidária, que os torna conscientes de ocupar um espaço situado temporalmente no mundo ao seu redor e coexistir com as pessoas e coisas com que se relacionam (Estaún, 2014). Muitos inclusive se envolvem com situações de fronteira a partir do espaço marista, e esse tipo de experiência costuma conferir novos significados à fraternidade que deve reger toda a comunidade humana. Afinal, “a missão marista é uma parte integrante da minha vida como Marista. É uma parte da minha vida diária, com minha interação com as pessoas, tanto jovens quanto adultos, na família ou na comunidade. Eu vivo o Carisma e a missão.” O lugar da missão se torna um espaço educativo-evangelizador para o leigo em todas as dimensões da vida.

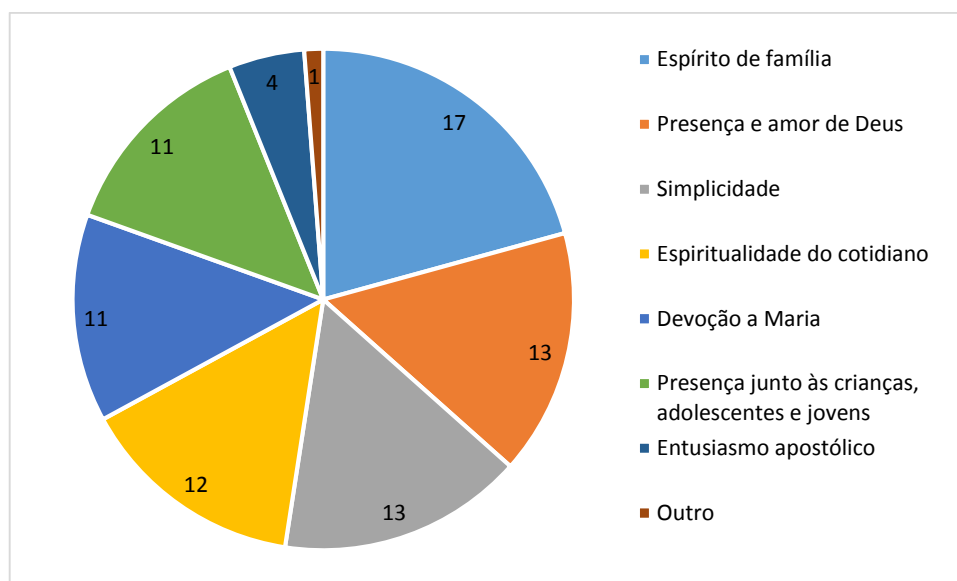
5. A espiritualidade marista na vida laical

Espiritualidade é “viver em Deus e com Deus” (EMM, 100), segundo o seu Espírito. Marcelino e os primeiros Irmãos “viveram no Espírito” e originaram uma tradição transmitida de geração em geração, “de forma fiel e renovada”, um manancial que, hoje, “fecunda povos e culturas de todo o mundo” e com o qual contribuem os leigos maristas, trazendo para ela sua própria experiência de Deus (EMM, 102). Segundo o documento *Água da rocha*, a espiritualidade marista, inspirada na visão e na vida de Marcelino e dos seus primeiros discípulos, enriquecida ao longo da história marista e partilhada com tantas pessoas, conduz à consciência de um estilo de vida do qual “emergem as características peculiares de nosso modo de seguir Champagnat” (AdR, 15): Presença e o amor de Deus, Confiança em Deus, Amor a Jesus e ao seu Evangelho, Do jeito de Maria, Espírito de família e Espiritualidade da simplicidade (AdR, 16-41). O conjunto dessas características, acrescidos do Entusiasmo apostólico e da Presença junto às crianças, adolescentes e jovens, identifica a espiritualidade marista.

5.1 A identificação dos leigos com a espiritualidade marista

Os leigos maristas vivenciam a espiritualidade marista segundo essas características? Quais desses traços⁵ são mais identificados com a vocação laical e as opções de vida dela decorrentes? Perguntados sobre isso, os leigos deram as seguintes respostas:

Gráfico 7: Traços da espiritualidade marista com os quais os leigos mais se identificam



Fonte: O autor

Não deixa de surpreender que o Espírito de família seja o traço mais destacado da espiritualidade marista, porque comumente se acentua a dimensão mariana. Por outro lado, faz sentido que a dimensão relacional tenha tanta importância: é algo muito próprio de Marcelino, que insistia com os primeiros Irmãos que vivessem esse espírito fraterno, tanto entre si, na vida em comunidade, como na relação com os estudantes, inspirada “no convívio amoroso entre pais e filhos, no aconchego familiar” (AdR, 31). Estaún (2014, p. 162) estabelece uma relação direta entre Maria e o espírito de família: “A presença de Maria como Mãe e modelo de educadora motiva o educador a dar à casa em que vive o ambiente de família”. Nesse sentido, destacar primeiramente o Espírito de família não seria uma negação da dimensão mariana da espiritualidade marista, mas uma associação que a reforça.

⁵ Como Jesus e o Evangelho são elementos comuns a toda espiritualidade cristã e a várias escolas de espiritualidade, esse item não foi incluído, para reforçar os traços específicos da espiritualidade marista.

O que remete a Marcelino e sua espiritualidade, na qual Maria é presença tão significativa: “o espírito de uma escola de Irmãos deve ser o espírito de família”, na qual predominam “os sentimentos de respeito, de amor e de confiança recíproca” (Furet, p. 494). São elementos acentuadamente marianos e femininos, que marcam “uma espiritualidade fortemente relacional e afetiva” (AdR, 31), fundamental na vida partilhada, que é uma das dimensões que identificam os leigos e leigas maristas. “Como pessoas leigas, temos uma oportunidade única de viver o Evangelho em nossos lugares de relacionamento com os outros (com amigos, família e trabalho), assim como vivemos a realidade da fé e da vida mais pelo que somos do que pelo que fazemos”.

O igual destaque para Presença e amor de Deus e Simplicidade sinaliza uma relação entre ambas. Primeiro, a experiência pessoal de ser intensamente amado por Jesus e especialmente acolhido por Maria foi uma das principais influências na formação da espiritualidade de Marcelino (AdR, 7). Ele desenvolveu uma espiritualidade “prática e sem complicações” (AdR, 34), fundada na humildade e na simplicidade de atitudes, que os Maristas imitam “especialmente na maneira de nos relacionarmos com Deus e com os outros” (AdR, 33). Diferentemente da imagem de um Deus distante e das práticas ascéticas comuns em sua época, Marcelino falava de um Deus próximo, alcançável, e insistia que os Irmãos evitassem inculcar nos estudantes o medo Dele, especialmente como maneira de puni-los pelas faltas, e os ajudassem a fazer uma experiência do Deus Amor. Ele aponta os três lugares onde Jesus, a face humana de Deus, O revela de modo especial – o presépio, o altar e a cruz – e onde cada pessoa pode encontrá-lo (AdR, 20). Aí está o fundamento da Espiritualidade do cotidiano – quarto traço destacado –, que leva a reconhecer a presença divina nos acontecimentos do dia a dia.

Há um encadeamento lógico nesta sequência: um Deus próximo e amoroso, que estabelece uma relação de proximidade com a pessoa e acompanha a cada um, bem de perto, em sua experiência humana (AdR, 16). Essa experiência do Deus Amor conduz à partilha de vida com outras pessoas. A espiritualidade marista estimula uma experiência pessoal de Deus que se traduz nas relações interpessoais e “está em sintonia com a vida laical, porque é prática e impregna o cotidiano” (EMM, 103); favorece, desta forma, a identificação dos leigos e responde à sede de espiritualidade e de experiências místicas significativas que caracteriza a contemporaneidade.

A Devoção a Maria e a Presença junto às crianças, adolescentes e jovens são assinalados em seguida. Maria não tem tanto destaque, embora suas características sejam reconhecidas em

outros traços e a referência mariana para o discipulado sejam abordados adiante. É provável que a expressão “Devoção a Maria”, costumeiramente associada a práticas de piedade popular, não traduza o lugar de Maria na espiritualidade cultivada pelo grupo e, por isso, seja menos significativa que outros traços. Quanto ao traço da Presença junto às crianças, adolescentes e jovens, é pouco mencionada porque a maioria do grupo pesquisado não tem contato com esse público, nos seus espaços diários de missão; logo, alimentam sua relação com Deus em outros espaços e grupos. E o Entusiasmo apostólico é uma expressão pouco utilizada ao se falar de espiritualidade marista, embora a paixão pela missão tenha sido evidenciada anteriormente.

5.2 Práticas de cultivo da espiritualidade

O *Água da Rocha* destaca algumas práticas “essenciais para alimentar a nossa vida de fé como Maristas”: *Lectio divina* ou meditação da Palavra de Deus, oração pessoal, revisão do dia, oração em comunidade, partilha da fé, acompanhamento espiritual, celebração eucarística e reconciliação (AdR, 79-87). Como a vivência da espiritualidade é muito pessoal, essas opções não foram apresentadas ao grupo, que respondeu livremente à pergunta sobre suas práticas de fé.

As práticas pessoais estão em sintonia com o significado da espiritualidade marista dado por uma leiga: “um jeito de viver. A maneira como encaro a vida, o trabalho, o trato com as pessoas, a forma com que educo meu filho, etc. É viver em Deus e com Deus. É um desejo de viver na raiz, não apenas na superfície.” Quanto às maneiras de cultivar a espiritualidade, aparece primeiramente a oração, caracterizada como “pessoal e comunitária”, “cotidiana”, “diária”, “nos acontecimentos”, “pessoal e em minha família”, com “tempo para escutar Deus” e “estar mais consciente da presença de Deus em minha vida diária”. Destacam diversas técnicas de oração, como a leitura da vida a partir da fé, meditação, contemplação, diário espiritual⁶, Exercícios Inacianos, centramento⁷ e *Mindfulness*⁸, assim como “os momentos de silêncio que posso ter, para calar os ruídos de meu coração e de minha cabeça, e desfrutar de um silêncio que me encha de paz”. Mencionam ainda atividades especificamente comunitárias,

⁶ Técnica de registro diário das meditações.

⁷ Técnica de meditação que favorece a autoconsciência.

⁸ Forma de meditação que foca a atenção na experiência direta do momento presente, por meio de exercícios meditativos e psicoeducativos; traduzida no Brasil como “Atenção plena”.

como orações em grupo, Eucaristia, participação em retiros e celebrações do calendário litúrgico, além de “Fé em Deus”, “Confiança na Virgem Maria” e “Devoção mariana”.

Vários leigos reconhecem a vida comunitária, em seus vários formatos, como fonte de espiritualidade. Destacam a participação na comunidade paroquial, vivendo “meu compromisso cristão e marista em minha Comunidade-Igreja” e o “compromisso apostólico na Igreja”; e na comunidade marista, vista como “uma forte expressão de fé partilhada e apoio mútuo. Partilhar nossa fé, nossas vidas, desafios e alegrias alimenta e encoraja minha vida espiritual.” Uma leiga vive em comunidade mista, formada por Irmãos, Leigas e Leigos, então “a oração é o elemento fundamental, tanto na preparação quanto na animação” desses momentos; outra afirma que “o trabalho e proximidade com os Irmãos também nutrem minha espiritualidade”. A convivência com os Irmãos, mesmo sem dividir o mesmo teto, é compreendida como uma forma de vida comunitária: “Passando cada dia com eles [os Irmãos], almoçando com eles, partilhando todos os aspectos da vida, não necessariamente o trabalho, me trouxe para mais próximo da comunidade. Cuido deles e me sinto responsável pelo seu bem-estar.” Essa proximidade com os leigos certamente nutre os Irmãos, especialmente os idosos, em sua necessidade de afeto, contato com outras pessoas e cuidado recíproco – que, aliás, é própria do ser humano.

Um leigo afirma que “fazer parte da comunidade marista me torna um cristão melhor”. Vários destacam que participar de grupos diversos, como o Movimento Champagnat da Família Marista, grupos de espiritualidade marista e grupos de oração e reflexão, alimenta sua espiritualidade, assim como os espaços da missão, seja se “envolvendo ativamente na missão especial com crianças e mulheres jovens menos favorecidas”, estando “preocupado com os mais carentes” ou “trabalhando pelo meu país e pela minha fé”. Alguns leigos não se referem especificamente ao espaço comunitário, mas afirmam cultivar a espiritualidade vivendo “o Evangelho ao estilo de Marcelino” e “os valores evangélicos ao estilo de Maria”. Ou seja, compreendem o Carisma em sua dimensão eclesial, como forma específica de seguimento de Jesus e de alimentar a espiritualidade a partir da experiência comunitária.

Família e amigos também são alimento para a espiritualidade, tanto nos “momentos para compartilhar com a família e amigos pensamentos sobre a vida, onde estamos e para onde (e como) estamos indo”, quanto no movimento simples de “*estar com*’ as pessoas. Vendo Deus naqueles com quem eu vivo minha vida e por meio da oração”. Segundo os leigos, é importante que essas relações tenham “reflexão e partilha e, então, vivência dos nossos

valores”, para que possam “partilhar valores, tempo para cada um”, integrar bem as relações com “meu lar, família, amigos, companheiros de trabalho” e “me conectar com as pessoas – experiência vivida – partilhando vida e missão”. O aspecto relacional é enfatizado no cultivo da espiritualidade, assim como o foi na dimensão missionária.

Essas relações não substituem o diálogo com Deus, mas ajudam a revelar Sua presença: “Me mantenho em diálogo com Deus durante o dia, fazendo pausas para perceber Sua mensagem em cada coisa, acontecimento ou pessoa com quem convivo”. Muitos afirmam alimentar sua espiritualidade “lendo e orando”, pois gostam “muito de ler sobre Deus e ter momentos de interioridade”. Quanto ao tipo de leitura, aparece em primeiro lugar a Bíblia, “compreendendo as Escrituras e observando aquelas passagens em minhas próprias realidades e vida cotidiana”; esta técnica é a Leitura Orante apontada pelo *Água da Rocha*. Leem ainda “livros escritos pelos místicos”, “literatura da área [espiritual]”, “livros maristas (*Água da rocha, Em torno da mesma mesa*, etc.) ou outros textos” e materiais disponibilizados pelas UA’s com essa finalidade.

Vale destacar a ênfase dada à interioridade. Mais que expressões exteriores da espiritualidade, como a presença na comunidade, interações com pessoas, orações coletivas e participação nos sacramentos, os leigos salientam o cultivo da espiritualidade a partir do silêncio, da interiorização e dos tempos pessoais de diálogo com Deus. É o que Turú (2012, p. 66-68) chama de “o grande regresso à vida interior”, aspiração que “surge do mais profundo de seu ser” e cujo caminho é indicado por Maria “do silêncio, da acolhida, da escuta atenta”, que “guardava e meditava tudo em seu coração”. A interioridade alimenta uma mística que foge das racionalizações, provoca interação com a realidade e favorece a integração com as outras pessoas: “me ajuda a encontrar Deus nessas realidades, descobrir para onde Deus está me chamando e responder ao seu chamado (...). Essa maneira de seguir e amar Jesus é basicamente da maneira de Maria e de São Marcelino.”

Enfim, as práticas de cultivo da espiritualidade destacadas pelo *Água da Rocha* encontram eco nas práticas pessoais dos leigos, mas não com a mesma importância. A dimensão relacional não aparece no documento como forma de alimentar a fé, mas é a mais enfatizada pelos leigos, provavelmente porque estes falaram a partir de sua experiência, e o documento foi elaborado por um número maior de Irmãos do que de leigos. Estes acentuam o traço apostólico mais que o mariano, e consideram muito importante reservar tempos pessoais para o exercício de alimentar a vida de fé. Como visto, a maneira de vivenciar a espiritualidade

marista na opção de vida laical segue dinâmica diferente daquela própria da vida consagrada dos Irmãos.

6. Partilhar a vida com Irmãos, Leigas e Leigos

A vida comunitária é inerente ao Instituto Marista desde o início, quando João Maria Granjon e João Batista Audras começaram a viver em comunidade na paróquia de La Valla. Um ano e meio depois, já constituíam um grupo apostólico que ainda não era uma congregação, mas “uma associação de fato, mais do que um simples oratório ou uma irmandade” (Lanfrey, 2014, p. 201). A fórmula da promessa dos primeiros Irmãos, contendo os compromissos que assumiam com o Pe. Champagnat, ao se consagrarem como Irmãos ensinantes, terminava com essa afirmação: “nós compartilhamos tudo em comunidade” (Lanfrey, 2014, p. 254).

A vida comunitária, tanto dividindo o mesmo teto quanto partilhando tempos, espaços e projetos, também identifica os leigos maristas. Eles vivem a experiência comunitária entre si, com os Irmãos e com leigos não maristas. A vida partilhada é uma decorrência da sensibilidade específica do Espírito de família com que os Maristas seguem a Jesus Cristo (EMM, 67); Turú (2012, p. 32-33) acrescenta: é a experiência de uma Igreja mariana, inspirada nas “manifestações históricas da vida da Igreja derivadas das atitudes com que Maria responde à sua missão como crente e membro da comunidade eclesial”. Com características distintas do modelo eclesiológico predominante, acentuadamente petrino, esse rosto mariano reforça a importância da proximidade, da afetividade e da partilha de vida, construindo comunhão a partir de uma visão horizontal da Igreja e da sua missão – e desenha um modelo de vida fraterna bastante característico dos Maristas de Champagnat.

6.1 A vida partilhada com outros leigos

Perguntados sobre os lugares onde partilham a vida, os leigos destacaram primeiramente o ambiente de trabalho, escritório e escolas na maioria, detalhando que a partilha se dá “na relação com alguns colegas”, não com todos; as afinidades pessoais influenciam essa partilha, assim como a dinâmica das relações no espaço laboral. Aqueles que são responsáveis pela formação laical compreendem que a vida partilhada “é o foco do meu trabalho. Todo o meu trabalho diário como interface entre Irmãos e Leigos.” Vários estendem sua jornada de trabalho para os finais de semana, “trabalhando em diferentes projetos maristas durante o dia,

noite e finais de semana” e “desenvolvendo minhas funções durante cinco dias por semana e, inclusive, nos fins de semana, quando há alguma atividade programada”. É uma função que exige perfil com disposição de convivência e partilha, mais que cumprimento de tarefas: “Todo o meu trabalho está desenhado para partilhar tempos e atividades com os leigos. Os tempos geralmente são finais de semana e à noite, já que são os momentos em que os leigos podem participar de atividades e experiências”.

Também partilham a vida com outros leigos em atividades desenvolvidas nas escolas, “trabalhando com professores e diretores durante o dia, principalmente questões de formação”, reflexões com educadores e estudantes, liturgias, orações comunitárias, retiros, formação, conferências com lideranças, momentos de formação e vivência marista, conselhos escolares, jornadas pastoral-pedagógicas, abertura e encerramento do ano escolar, atividades pastorais, culturais e sociais, reuniões de equipe, encontros provinciais, assembleias, oficinas com professores, oficinas de oração, convivências, Páscoas, celebrações diversas e atividades extracurriculares de apostolado, missão e solidariedade. Essas atividades, em sua maioria próprias do espaço de trabalho, são desenvolvidas de maneira a favorecer a convivência, a criação de laços afetivos e a partilha. A forma como são desenvolvidas, e não as atividades em si, favorecem a partilha de vida no dia a dia do trabalho, “vivendo junto e celebrando como família marista”, e na integração entre os vários espaços, como “minha vida familiar, minha escola e comunidades eclesiais, minhas interações com amigos e colegas, meu trabalho com outros maristas na Província”.

O Papa Francisco (2013, nº 67), fazendo uma leitura do mundo contemporâneo, alerta que “o individualismo pós-moderno e globalizado favorece um estilo de vida que debilita o desenvolvimento e a estabilidade dos vínculos entre as pessoas e distorce os vínculos familiares”. Contra isso, “a ação pastoral deve mostrar ainda melhor que a relação com o nosso Pai exige e incentiva uma comunhão que cura, promove e fortalece os vínculos interpessoais”. As falas dos leigos estão em sintonia com a direção indicada pelo Papa.

Eles destacam também grupos diversos como lugares onde partilham a vida: o Movimento Champagnat da Família Marista, a Pastoral Juvenil Marista, grupos de espiritualidade, grupos de leigos, grupos de colaboradores aposentados. A convivência se dá tanto na participação grupal quanto no acompanhamento a esses grupos, em atividades de formação, celebração, convivência e missão. E não se restringe às atividades de trabalho: inclui festas comunitárias, jantares nos finais de semana ou à noite, tempos de lazer e de descanso,

momentos orantes e ocasiões informais, visto que o que fazem “não é apenas trabalho, mas uma experiência de partilha de nossa vida, que nós valorizamos, que tentamos promover por meio do que fazemos. (...) É tão importante encontrar tempo para partilhar histórias em torno de uma cerveja!” A vida partilhada supõe a criação de laços afetivos e tempos em comum para “conversar, rir e estar juntas” (EMM, 80); aqui se reconhece novamente o Espírito de família.

Por outro lado, os laços de sangue e conjugais aparecem pouco na partilha de vida: apenas quatro participantes afirmam conviver com leigos e leigas maristas no espaço familiar. Faz sentido, pois nem sempre os familiares e cônjuges dos leigos vivenciam as três dimensões que caracterizam o laicato; alguns se identificam com traços do Carisma, com a espiritualidade, mas não convivem com outros leigos e Irmãos, nem contribuem com a missão marista. Alguns leigos costumam rezar em família ou reservar tempos para reflexões com os familiares; outros têm filhos que estudam nas escolas maristas e, por isso, conhecem e vivenciam os valores ali aprendidos. Entretanto, a partilha de vida com o sentido dado pelo Instituto acontece imbricada com as atividades da missão e, portanto, tem mais lugar entre as pessoas envolvidas nesses espaços.

6.2 A vida partilhada com os Irmãos Maristas

A vida também é partilhada com os Irmãos, de várias formas. Perguntados sobre os espaços, tempos e atividades em que partilham a vida com os Irmãos Maristas, seis leigos responderam que “os mesmos” onde convivem com leigos. Isso revela que alguns grupos, mesmo poucos, considerando-se o Instituto como um todo, estão tornando menos rígidas as fronteiras que separam os espaços dos leigos e os espaços dos Irmãos. Pode-se deduzir tanto que Irmãos, Leigas e Leigos estão nos mesmos espaços quanto que a partilha não é somente entre os leigos; sinaliza algum avanço na nova relação, baseada na comunhão e na fraternidade, definida como urgência do XXI CG.

A maioria dos leigos foi mais específica na resposta: o primeiro lugar de partilha de vida com os Irmãos é o ambiente de trabalho e as atividades que lhe são próprias – reuniões, planejamento, atividades pastorais, especialmente com a PJM, momentos de vivência marista, assembleias provinciais de missão. Para os que trabalham nas instâncias provinciais, a convivência com Irmãos decorre da dinâmica do próprio espaço, para onde “vêm a maioria dos Irmãos da Província de maneira ocasional ou diária, se participam de alguma outra instância provincial”. Sammon (2005, p. 34-35) traz a visão dos Irmãos sobre esse tema: alguns “estão

buscando novas formas de vida em comum” e fazem a experiência de comunidade quando “escolhem colegas de trabalho, familiares ou um círculo de amigos como fontes de apoio”. A partilha de vida é consequência das relações estabelecidas a partir dos espaços onde Irmãos, Leigas e Leigos interagem.

Atividades comunitárias se destacam como lugar onde os Maristas de Champagnat convivem fraternalmente: comunidades ampliadas, celebrações, ocasiões informais (jantares, festas, momentos celebrativos), Eucaristia, reuniões do Movimento Champagnat... Uma leiga que vive em comunidade mista expressou que a partilha de vida ocorre durante “todo o tempo. No trabalho, na oração e na partilha diária”. É uma dinâmica própria desse tipo de experiência, que favorece a partilha de vida “com os visitantes e peregrinos” que passam pela comunidade, “animando pequenas oficinas e, sobretudo, compartilhando experiências”. Qualquer que seja o espaço comunitário onde Irmãos, Leigas e Leigos convivem regularmente, a partilha de vida perpassa tanto a dinâmica entre eles quanto o trabalho de missão que esse espaço viabiliza.

Por outro lado, uma leiga observou que convive bastante com os Irmãos “geralmente em reuniões de trabalho ou planejamento”, mas são “muito poucas experiências de partilhar a vida” com eles. Muitos Irmãos demonstram dificuldades para conviver com leigos, que dirá de estabelecer relações fraternas onde caibam relações afetivas e partilha de vida! Também há leigos que não conseguem estabelecer com os Irmãos relações igualitárias e que extrapolem o vínculo profissional. No tocante aos Irmãos, essa limitação pode estar relacionada a questões de personalidade, hábito de conviver apenas com outros religiosos, visão hierárquica da UA ou dificuldade de reconhecer os leigos como Maristas; seja qual for a razão, confirma que a partilha não é mecânica, depende dos vínculos estabelecidos, e sinaliza que, apesar de alguns avanços, há muito o que caminhar na construção da nova relação Irmãos e Leigos.

São evidentes as diferenças na percepção de Irmãos, Leigas e Leigos sobre a importância da partilha de vida. Na visão dos leigos, para quem é tão caro o Espírito de família, não há missão marista autêntica sem que as pessoas nela envolvidas tenham espaços para partilhar a vida. Os Irmãos já vivem num espaço coletivo, a comunidade religiosa, o que não significa, necessariamente, vida partilhada. Paredes (2014, p. 40) constata que “é difícil viver em comunidade!”, pois “nossas comunidades agrupam pessoas que não se escolheram, que são muitos diferentes em sua personalidade, hábitos, sentimentos, pontos de vista”, além da “diferença de raça, de cultura, de geração”. Sammon (2005) afirma que toda comunidade passa por estágios para se configurar como tal, sendo o último estágio o empenho na tarefa de viver

e servir juntos. Essa contradição – viver em comunidade, mas sem necessariamente partilhar a vida – ilumina a diferença na ênfase dada por Irmãos e Leigos à vida fraterna: estes sentem necessidade de partilhar a vida com os companheiros maristas, enquanto aqueles, tendo optado pela vida consagrada, nem sempre constroem relações fraternas com outros Irmãos e, não tendo esse aprendizado, também não conseguem partilhar a vida com leigos. O fato é que estar juntos nos mesmos espaços, especialmente aqueles relacionados à missão, em que a finalidade de estar juntos no mesmo espaço é maior que as preferências, afinidades ou limitações pessoais, contribui para minar resistências mútuas e criar condições para uma convivência pautada na fraternidade e na reciprocidade.

7. Os leigos maristas por eles mesmos

González Rey (2005, p. 126) conceitua a subjetividade como um sistema complexo cujas “diferentes formas de expressão no sujeito e nos diferentes espaços sociais são sempre portadoras de sentidos subjetivos gerais do sistema que estão além do evento vivido”. Boff (2012) referenda que é próprio do ser humano “perceber valores e significados e não apenas elencar fatos e ações”, pois “o que realmente conta para as pessoas não são tanto as coisas que lhes acontecem, mas o que elas significam para suas vidas e que tipo de experiências marcantes lhes proporcionaram”.

Logo, mais que elencar os elementos que caracterizam e identificam os leigos e leigas maristas, é necessário compreender os sentidos que eles atribuem ao próprio ser leigo. De acordo com Vygotsky (2009), sentido é uma formação dinâmica, fluida e complexa, que comporta inúmeras zonas que variam em sua instabilidade, de acordo com os sujeitos e espaços pesquisados. Há uma relação direta entre os sujeitos que constroem o sentido e os espaços onde estão, os quais “geram formas de subjetivação que se concretizam nas diferentes atividades compartilhadas pelos sujeitos e que passam a ser, com sentidos subjetivos distintos, parte da subjetividade individual de quem compartilha esses espaços” (González Rey, 2005, p. 25). Nessa perspectiva, os sujeitos leigos são constituídos pelos espaçotempos maristas tanto quanto constituem esses mesmos espaços como lugar de subjetivação.

Respondendo à pergunta sobre o que significa ser leigo, todos os participantes se reconhecem como laicato marista, mas dão ênfases diferentes aos elementos que os constituem assim.

7.1 A dimensão vocacional do laicato

Alguns acentuam o laicato a partir do chamado vocacional, afirmando que ser leigo marista “significa viver minha vocação cristã à luz do Carisma de Champagnat”, “com um estilo particular” que é “simples e fraterno, a partir de uma experiência profunda de Deus que se manifesta no cotidiano e de um compromisso de ser irmã daquele que encontro no caminho e com quem compartilho a minha vida”. A vocação laical “dá direção aos meus pensamentos e ações”, confere “sentido de vida”, “enche a alma e dá sentido à minha caminhada como docente” e traduz-se em um estilo de vida que “dá sentido de transcendência e sentido ao que faço”. Vários repetem a expressão “sentido” para falar da vocação, e outros a relacionam com o “projeto de vida”: “Depois de conhecer e me encantar pelo Carisma Marista, decidi assumi-lo. Desde então, as suas dimensões (entre as quais a missão) fazem parte do meu projeto de vida”.

Turú (2012, p. 38) assinala que “algumas pessoas sentem que Deus as chama a viver sua vida cristã com as características maristas, e então falamos de vocação laical marista”. Várias respostas detalham aspectos específicos desse chamado vocacional laical: é pessoal – “Eu descobri que Deus está me chamando para esta maneira de ser marista”; exige resposta positiva – “Eu recebi isso de Deus e tenho que partilhar com os outros, especialmente os jovens”; tem acentuado aspecto comunitário – ser Marista “é tudo sobre viver os valores do Evangelho, assim como rezar juntos e ser exemplo em nossos relacionamentos”; e conduz a um compromisso apostólico: “sinto-me comprometida com a vida e a defesa dos direitos das crianças marginalizadas”. A descoberta da vocação laical marista resulta de um processo que comporta diferentes etapas de discernimento (EMM, 14) e, por ser individual, desenvolve-se em ritmos, tempos e espaços diversos. Por isso, “a vida leiga se manifesta em uma multiplicidade de contextos e trajetórias pessoais” (EMM, 125), desenhando um movimento de chamado, respostas, vida comunitária, apostolado e retroalimentação de todo esse caminho.

7.2 Laicato como maneira de ser e de viver

Segundo Sammon (2003, p. 30), a identidade, “no âmbito pessoal, é a consciência que cada um tem de si e do mundo em que vive”. A identidade coletiva, por sua vez, se estrutura em um eixo afetivo, que “permite à pessoa *enraizar-se* na realidade, estabelecer *laços de comunhão* com os outros, *sentir-se comovido* pelas necessidades dos destinatários, *entusiasmar-se* pela missão, *comprovar* seus próprios dons e capacidades para servir à missão”;

e em um eixo narrativo, que diz respeito “à perspectiva com que uma pessoa *contempla* sua vida: descobre a *trama* que une os acontecimentos nos quais se viu envolvida, as *raízes* da situação existencial que vive agora e pode atrever-se a esboçar as vias pelas quais caminha em direção ao futuro” (Botana, 2005, p. 69-70). Ainda segundo o autor, “a participação na identidade coletiva de uma Família evangélica é o resultado de um itinerário formativo durante o qual a pessoa se apropria de tal identidade” (idem, p. 67).

Daí se compreende que ser leigo marista “é um jeito muito particular de organizar minha vida, nossas vidas, seguindo as intuições de Marcelino Champagnat, integrando isso a outras experiências pessoais”. Significa compromisso com “uma vida de simplicidade, humildade, presença apostólica, espírito de família e fidelidade ao Evangelho no contexto da minha vocação leiga”. A vida laical é questão existencial, “ser eu mesma, viver e ser uns valores muito simples e cada vez mais radicais e exigentes”, assim como um exercício de autoconsciência, de percepção do “foco para minha vida e um lembrete constante dos valores maristas da humildade, modéstia e simplicidade”. Almeida (2006, p. 348) confirma que a vocação laical e a consciência de ser leigo estão inter-relacionadas, pois ambas tornam-se a “vida em todas as dimensões, em todos os lugares e tempos, em todas as relações que a constituem”.

Assumir-se leigo marista é consequência de identificação pessoal com essa maneira de viver: “Eu era Marista antes de saber o que isso significava. Encontrar meu lar espiritual na comunidade marista deu sentido e propósito à minha vida. É uma grande bênção partilhar minha vida e trabalho com outros que sentem o mesmo que eu.” O tempo que os leigos passam nos ambientes maristas, durante o horário de trabalho, à noite ou nos finais de semana, conforme a necessidade, evidencia a identificação com a dinâmica desse espaço.

Essa vivência se estende também para outros espaços. Por ser “uma forma de ser e viver os valores do Evangelho, hoje e agora”, que “condiciona minhas ações e opções”, ser leigo marista motiva a “viver minha vida no mundo conforme a espiritualidade marista em minha capacidade como leigo”. Há uma distinção entre o estilo de vida dos Irmãos e a forma de viver o Carisma como leigos, que implica uma opção de vida e “significa que escolhi conscientemente viver minha vida de um jeito mariano. Isso influencia as interações e relacionamentos que tenho e as opções de vida que faço.” Estaún (2014, p. 107) fundamenta essas implicações vocacionais: os leigos se compreendem e se situam no mundo a partir da sua opção laical porque “a existência humana está definida pelo próprio ser-lançado-no-mundo” e

reconhecer-se na própria vida “é modulado por um plano íntimo existencial”. Portanto, a escolha consciente de viver como leigo marista constitui-se como uma opção fundamental da qual decorrem as outras opções.

Croatto (2004, p. 42) pontua que o viver humano “oscila constantemente entre o subjetivo e o intersubjetivo ou relacional”: o sujeito se torna quem é na relação com outros sujeitos. Daí a dinâmica relacional e comunitária da vida laical, o encontro entre sujeitos, com o acento específico do Carisma. O sentimento de ser “acolhida em uma família universal” leva a “vibrar com o Marista e valorizar cada Irmão e Leigo Marista”, pois “ser leiga marista para mim é sentir-me responsável e parte da minha família marista”. Cada leigo pode viver “como cristão por meio do suporte de uma comunidade marista e da espiritualidade que ressoa fortemente em meu espírito”. Essa forma de vida comunitária é organizada “em torno do espírito de família e vivendo e respirando nossas características maristas do jeito de Maria, nossa Boa Mãe”, seguindo seu exemplo de “atenção a Deus e aos outros, sua sabedoria e serviço”.

Embora reconheçam-se como comunidade eclesial, conforme visto anteriormente, sentem-se mais identificados com o jeito marista de viver juntos: “A comunidade eclesial é importante, mas a comunidade marista, quando se reúne e celebra fé e vida, fala fortemente da minha experiência de conhecer e compreender Deus”. Paredes (2014, p. 41) confirma: a “forma peculiar de sentir-se diante de Deus”, que caracteriza o Carisma, “nos situa em um espaço eclesial e social peculiar”, porque matizado pelas características carismáticas. A eclesialidade, pouco destacada nas perguntas objetivas, é enfatizada como uma decorrência natural do sentido de ser leigo marista.

7.3 Leigos, Irmãos e discipulado

A vida em comunidade traz a consciência de “ser um irmão para todos com quem tenho contato”, o que leva a “ser presença para os outros” e fazer parte “de uma comunidade que compartilha sonhos de construir um mundo melhor”. Uma vez que “toda vocação cristã nasce na e para a Igreja e está a serviço do mundo” (EMM, 140), é próprio do leigo “viver e partilhar vida com os outros, alcançar os outros que necessitam de ajuda, responder às necessidades dos Montagnes de nosso tempo e envolvimento com a missão”, “estar engajado e comprometido com a missão de Champagnat (tornar Jesus conhecido entre as crianças)”, ter “olho e coração

para os mais vulneráveis” e colocar-se como “uma pessoa disponível para o trabalho junto às crianças abandonadas”.

A missão dos leigos não é desenvolvida à parte dos Irmãos: como “as respectivas vocações iluminam-se mutuamente” (EMM, 17), ser leigo implica reconhecer-se “parceiro de missão dos Irmãos nas pastorais a serviço das crianças e jovens”, numa relação “de igualdade, responsabilidade partilhada entre Irmãos e Leigos”. Para o grupo, não há razão para a resistência de alguns Irmãos – velada ou explícita, mas constatada em vários espaços – à presença dos leigos na missão, com o receio de perderem espaço ou de serem substituídos: “a comunhão entre leigos e irmãos contempla e enriquece nossas vocações específicas e os diferentes estados de vida” (EMM, 79). A comunhão é mais que necessária, pois “não só há lugar na mesa para todos, como também precisamos estar um ao lado do outro” (idem).

Chamado vocacional, vivência comunitária, compromisso com a missão e relações de comunhão perfazem um caminho de discipulado “como cristão, aceitando o chamado de Deus à maneira de Marcelino Champagnat”. O leigo marista é “uma pessoa que vive a espiritualidade de Champagnat”, “a partir da própria realidade” e, compartilhando a missão e o jeito de viver maristas, enriquece a vida marista com “a paixão por tornar Jesus Cristo conhecido e amado pelos jovens, especialmente os menos favorecidos”.

Essas falas ecoam o caminho do discipulado cristão desenhado pela Conferência de Aparecida: encontro com Jesus Cristo, conversão, discipulado, comunhão e missão, aspectos fundamentais que “aparecem de maneira diversa em cada etapa do caminho” (DA, 278). O elemento específico é que, como a inspiração para esse caminho cristão tem claro perfil mariano, o laicato marista deve “mostrar as atitudes de Maria no todo, por meio do trato amoroso e formativo como o de uma mãe com seu filho”, pelo “silêncio orante de todo aquele que observa e escuta a cada dia”, pela “disponibilidade absoluta para servir aos demais e a confiança em Deus”. Uma vez que “acolhemos e transmitimos Maria, em nosso dia a dia, imersos e implicados em um mundo em transformação” e “demonstramos amor um pelo outro, com Maria como nossa guia e companheira”, todo o jeito de viver dos leigos “fala dos modelos que são Maria e São Marcelino”. Maria é modelo de discipulado: “contemplamos a vida de nossa Mãe e Modelo para impregnar-nos de seu espírito. Suas atitudes de perfeita discípula de Cristo inspiram e pautam nossa maneira de ser e de agir.” (Constituições, 4).

7.4 Laicato, Carisma Marista e felicidade

Finalmente, o caminho laical é também um caminho de felicidade: “Ser leiga é sentir-me feliz por sentir-me chamada a viver o Carisma de Champagnat”. Felicidade tem sido, há bastante tempo, palavra suspeita na Igreja, o que explica a surpresa provocada pelo Papa Francisco (2013) ao escolher a alegria como tema da sua primeira exortação apostólica: “o Evangelho, onde resplandece gloriosa a Cruz de Cristo, convida insistentemente à alegria” (nº 5) e esta pode “encorajar e orientar, em toda a Igreja, uma nova etapa evangelizadora, cheia de ardor e dinamismo” (nº 17). Ele convida todos os fiéis a “assumir, no meio do nosso trabalho diário, esta exortação da Palavra de Deus: ‘Alegrai-vos sempre no Senhor! De novo vos digo: alegrai-vos! (Fl 4,4)’” (nº 18).

Pagola (2012) afirma a felicidade como parte do projeto de Jesus, que começa “a ver tudo a partir da misericórdia de Deus” (p. 104), mas numa perspectiva diferente da pregação ascética de João Batista: “a vida austera do deserto é substituída por um estilo de vida festivo” (p. 105). Jesus “quer pôr todos a ‘dançar de alegria’ por causa da misericórdia de Deus” (p. 181), e um exemplo disso é a prostituta que, acolhida pelo Mestre, lava seus pés com os cabelos porque “não sabe como expressar sua alegria e agradecimento” (idem). Segundo uma leiga, “a convivência diária com Irmãos e Leigos/as Maristas me faz sentir participante de uma comunidade; e partilhar a vida com eles/as me faz muito feliz. Abrir o coração, nessa comunidade, é mais importante e significativo para mim do que abrir as portas da casa.”

Segundo Sammon (2006, p. 90), Irmãos, Leigas e Leigos “precisamos ser reconhecidos por uma evidente demonstração de felicidade em servir a Deus, por nossa simplicidade de vida e uma visível presença entre os mais abandonados da sociedade”. Na visão dos leigos, esse testemunho de felicidade é consequência de “seguir Jesus por meio do Carisma Marista, com simplicidade e alegria”, de maneira a “viver centrada na pessoa de Jesus e seu Evangelho e com isso testemunhar seu amor por mim mesma e por cada ser humano e obra da natureza que exista”. Não é algo individualista nem relacionado exclusivamente à realização pessoal, mas tem raízes na convivência, na alegria de cumprir a missão e as tarefas dela decorrentes, no sentimento de pertença, no sentido amplo de comunidade e na relação de comunhão.

Por que relacionar vocação laical, missão e esse sentimento de felicidade? Porque ser feliz é a aspiração humana mais básica, ainda que os caminhos para ela sejam diversos. Os leigos apontam a vida marista como um desses caminhos. O documento *Água da rocha* (nº 46) destaca a alegria que provém da partilha: “nossos corações almejam a felicidade, e acreditamos

que é possível amar e partilhar as bênçãos da vida”. Sammon (2005, p. 38-39) relaciona alegria e fraternidade: “os membros de uma comunidade religiosa genuína buscam a autotranscendência mais do que a autorrealização”, o que estabelece uma relação entre o ser marista e a felicidade: “O nosso modo de vida deve tornar as pessoas felizes”, sendo que felicidade não é “comicidade ou humorismo”, mas “um profundo contentamento experimentado por quem encontra, além de maravilhosos companheiros de jornada, sentido e razão para a vida.” (Sammon, 2005, p. 71).

Esse sentimento de felicidade tem relação com o desejo próprio do ser humano de pertencer a uma comunidade de referência, ser reconhecido em suas capacidades e nutrir sua necessidade de afeto. Os leigos maristas afirmam encontrar tudo isso em seu caminho vocacional: “Me sinto valorizada e amada por meus Irmãos e Leigos Maristas”. Nessa opção de vida reconhecem “a alegria que se vive no meio das pequenas coisas da vida cotidiana, como resposta ao amoroso convite de Deus nosso Pai: ‘Meu filho, use o que você tem para o seu próprio bem (...). Não deixe de aproveitar um dia feliz.’ (Eclo 14,11.14)” (Francisco, 2013, nº 4). Felicidade, nessa perspectiva, é questão existencial relacionada à coletividade e à partilha de vida.

8. Características do laicato marista, segundo os leigos

A visão dos leigos e leigas confirma a compreensão do Instituto sobre o laicato marista. Entretanto, considerando a diversidade regional e cultural do grupo pesquisado, foi perguntado quais elementos, a partir da própria experiência, identificam e caracterizam os leigos e leigas maristas. As respostas trazem vários elementos comuns à concepção institucional, mas com ênfases distintas, que desenham traços da identidade marista laical a partir dos próprios leigos.

A primeira característica é a “consciência da vocação cristã, vivida a partir do carisma de Champagnat” e “do jeito de Maria”, com atitudes de serviço, simplicidade, acolhida e presença significativa entre crianças e jovens. Os leigos são “cristãos que não perdem o centro de sua vida, Jesus, e que conseguem manifestar-se perante os demais por meio da proximidade, pelo tratamento amável e simples, sua confiança posta em Deus”; dão testemunho cristão “a partir da vida cotidiana e da nossa opção de vida”; e expressam o chamado de Deus “por meio de um itinerário pessoal e comunitário”, integrando “na vida a espiritualidade, a missão e a fraternidade”. Confirmam, sem contradições, as afirmações do Instituto sobre seus leigos (cf. EMM, 12).

No que diz respeito à missão, os leigos maristas são caracterizados pelo desejo de ser “presença significativa entre as crianças, adolescentes e jovens”, “com uma espiritualidade marista e um rosto mariano da Igreja”. Sentindo-se “muito unidos e identificados com a missão e com o carisma”, “são capazes de sair de sua zona de conforto para ajudar a outros, sem descuidar de sua família nem do entorno mais próximo”. Por que fazem isso? Porque “são pessoas simples, de forte espiritualidade e capazes de partilhar a vida em comunidade”, que “exalam o calor de uma família” e “reconhecem suas próprias necessidades e as dos demais e, por isso, se mantêm em constante diálogo com Deus para descobrir Sua vontade e agir de acordo com ela”.

Para Turú (2015, p. 4), esse diálogo com Deus conduz necessariamente à missão, já que “Deus é missão. Não que Deus *tenha* uma missão, mas que Ele *é* missão.” Paredes (2014, p. 40-41) lembra que, na reflexão teológica sobre a missão, “se diz – e com toda razão – que é a ‘Missio Dei’ [Missão de Deus] a que configura a Igreja e a comunidade”, e essa configuração se dá por meio de um “*ethos* partilhado”, o Carisma, que “produz entusiasmo, afeta interiormente e aglutina”, uma vez que “há comunidade ali onde existe um *ethos* que congrega”. Os leigos confirmam e acentuam o caráter comunitário da missionariedade: “somos comunidade marista e, a partir disso, queremos viver e transmitir nossa fé” de maneira “encarnada nas coisas deste mundo”. Sendo “guiados pela paixão pelas crianças e pelos jovens”, com “um profundo desejo de lutar pelos [seus] direitos”, eles “oferecem sua experiência, conhecimento e trabalho para alcançar um bem comum”.

Os leigos destacam, além disso, o “senso de pertença ao carisma” como característica do laicato: vivem as cinco características da pedagogia marista – Presença, Simplicidade, Espírito de família, Amor ao trabalho e O jeito de Maria – “tal como os Irmãos”. Nessa pertença, a proximidade com os Irmãos é algo fundamental, pois “aqueles que escolheram ser maristas e que, conscientemente, desejam viver e continuar o Carisma de São Marcelino Champagnat rumo ao futuro” vão fazer isso “em parceria com os Irmãos e outros Maristas”, cultivando “a proximidade de todas as maneiras com os Irmãos”, assim como “um senso de comunidade e pertença à medida que avançamos no sentido de corresponsabilidade”.

A referência à corresponsabilidade ecoa o XXI CG, que a destacou “como elemento para o desenvolvimento da vida, da espiritualidade e da missão maristas” (XXI CG, 2009, p. 36). No entanto, esse tema parece ser mais resolvido entre os leigos do que entre grande parte dos Irmãos. Segundo os leigos, “o Laicato Marista é empoderado dando conta das tarefas” sob

sua responsabilidade, e esse empoderamento é consequência de um processo formativo. Muitos Irmãos resistem em reconhecer a vocação laical como um sinal dos tempos para o Carisma, e não um mal necessário frente à diminuição do número de religiosos; para os leigos pesquisados, a questão é simples: “Somos corresponsáveis com os Irmãos pela missão”. Isso tem conotações bastante concretas, e não apenas retóricas: “Eu me sinto muito responsável pela harmonia e vitalidade da Comunidade, assim como pelo trabalho que nós, Irmãos e Leigos, estamos fazendo”. O desenvolvimento da corresponsabilidade depende das relações estabelecidas, das interações entre Irmãos e Leigos nos espaçotempos de missão e do reconhecimento da complementaridade vocacional, que são influenciadas favoravelmente ou não pela dinâmica do espaço de trabalho: “Minha própria identidade e vocação marista têm sido enriquecidas nestes últimos dois anos em meu papel como coordenador da animação marista. Eu acredito que a razão básica é que meu escritório está em uma comunidade onde vivem três Irmãos.”

Finalmente, há características pessoais que os leigos associam a si próprios: “Nós, leigos maristas, nos identificamos por ser pessoas alegres, fraternas, simples, que amam a vida, que rezam, que se formam e se atualizam e que, assim como Maria, estão atentas ao chamado de Deus nos sinais dos tempos, para estar prontos para o serviço”. São “pessoas muito fraternas e muito apostólicas”, que buscam “crescer espiritualmente” e oferecer “seu espírito de serviço e sua espiritualidade”; trazem “os valores da humildade e simplicidade na sua maneira de relacionar com os outros e com a vida”; cultivam a simplicidade e o espírito de família, assim como o “sentido de Comunidade, cuidado genuíno, humor, entusiasmo pela vida, paixão pelo trabalho”. Em síntese, “nós somos pé-no-chão e descomplicados. Há uma verdadeira autenticidade em nossa maneira de estar com as pessoas. Despretensiosa e verdadeira”. Importante notar que as características, em seu conjunto, se relacionam mais ao *ser* do que ao *fazer*. Mesmo enfatizando aspectos da missão, confirmam que ser leigo marista extrapola a presença nos espaços maristas, as funções exercidas e as atividades desenvolvidas: é questão de vocação, discipulado cristão e opção de vida.

9. Contribuições dos leigos para a vitalidade do Carisma Marista

Os Irmãos foram, por quase duzentos anos, únicos herdeiros do legado de Champagnat, e a maneira de viver ativamente o Carisma era somente na vida consagrada marista; as várias gerações de Irmãos foram transmitindo a herança de Champagnat e ressignificando-a à luz das mudanças de contexto e das novas necessidades educacionais, evangelizadoras, sociais,

políticas e culturais. Quanto aos estudantes, professores, colaboradores e pais de alunos, apreendiam os valores e a pedagogia mais por osmose e convivência com os Irmãos do que por iniciativas desenvolvidas com essa finalidade. Hoje os leigos são reconhecidos como coerdeiros desse legado e, portanto, corresponsáveis por preservá-lo e fazê-lo crescer; não há, entretanto, uma tradição consolidada no tempo que possibilite visualizar claramente as implicações desse novo lugar do laicato. Assim, cabe perguntar: Que aportam os leigos ao Carisma, para mantê-lo vivo e respondendo às demandas da contemporaneidade?

Perguntados a respeito disso, os leigos responderam que “aportamos muita coisa, assim como os Irmãos”, em vários aspectos da vida marista; destacam explicitamente os aportes à relação entre Irmãos e Leigos, à missão e aos processos formativos maristas.

9.1 Relação de complementaridade e comunhão entre Irmãos e Leigos

Considerando as atitudes dos religiosos frente à presença dos leigos na missão partilhada, Botana (2005, p. 17-19) identifica três grupos: um primeiro “percebe esta suposta expansão do carisma na direção dos leigos como um estratagema dos próprios Institutos e Províncias religiosas que sofrem com a escassez de vocações, para suprir com seculares a falta de religiosos nas obras apostólicas da instituição”; um segundo grupo, “com perspectiva mais positiva, considera que a participação dos seculares no carisma e na missão dos religiosos é benéfica para os próprios seculares e, portanto, é positivo favorecê-la e acompanhá-la”, mesmo que não deixe de ser um “fenômeno externo que não há de afetar a vida e a organização dos religiosos”; no terceiro grupo “vemos aqueles religiosos e religiosas que sabem ler a chegada dos leigos à missão partilhada como um sinal do Espírito Santo que aponta para uma mudança profunda nas relações internas eclesiais”, levando-os a descobrirem nisso “um chamado dirigido aos próprios religiosos/as, para situar-se na Igreja de outra forma, para entrar em uma autêntica comunhão com os demais cristãos no novo ecossistema eclesial”.

Nessa perspectiva, os primeiros aportes dos leigos se dão na própria relação com os Irmãos. Os leigos e leigas acreditam ser enriquecedoras “suas experiências de vida, que são muito diferentes daquelas dos Irmãos, mas complementares”. Enquanto uma “previsível uniformidade marca a vida dos integrantes da comunidade e o modo como interagem” (Sammon, 2005, p. 25) – são todos homens, com formação semelhante e experiências de vida matizadas pela pertença institucional –, os leigos podem trazer diversidade de “gênero, idade e experiências”, por causa de “suas várias experiências de vida e habilidades de se relacionar

com pessoas de todos os estilos de vida”. Essa interação pode gerar uma “maneira nova de viver a fraternidade, espiritualidade e missão, permeada pelas realidades dos leigos que têm mais a ver com o sentido da realidade cotidiana, o enfrentar a vulnerabilidade da vida, a insegurança econômica, estruturas mais flexíveis e humanas”.

Assim, a vida dos leigos, por não contar com o suporte institucional, pode ajudar os Irmãos a “viver nas incertezas da luta pela vida, a experiência de família, o contato direto com as realidades do mundo” e buscar mais “contato com a realidade na qual vivemos, a reflexão ou ponto de vista a partir da vida laical”. A proximidade pode aportar uma “nova forma de viver o carisma inserido em diferentes realidades, com diferentes ritmos e expressões”, inclusive pela contribuição das mulheres leigas, que “trazem uma dimensão marial para o trabalho”. Desta forma, é possível construir “uma nova relação fraterna, que vá mais além de dividir cargos e implique partilhar a vida, abrir-se ao outro, tirar a roupagem de superioridade e reconhecer que somos iguais em dignidade pelo batismo”.

Outro aporte importante é o “comprometimento com seu próprio crescimento pessoal e espiritual”. Enquanto alguns Irmãos se acomodam nas mesmas funções institucionais e espaços de missão, muitos leigos se esforçam para desenvolver seus potenciais, capacitar-se mais para as exigências missionárias, crescer em humanidade e agregar leveza e gratuidade às suas responsabilidades para com o Instituto. Assim, o compromisso pessoal com a formação permanente, incluindo experiências de formação conjunta e de comunhão, possibilita a criação de espaços comuns para que Irmãos e Leigos cresçam juntos e em sintonia, estejam mais inteiros na sua opção vocacional e mais integrados a partir do seu lugar de missão.

Há que se cuidar, certamente, para que a relação entre Irmãos e Leigos não confunda os papéis de cada um: que não se pense nos leigos como substitutos dos Irmãos, especialmente onde seu número diminui cada vez mais, nem que adotem o estilo de vida próprio da vida consagrada; e que os Irmãos, na convivência com os Leigos, não se sintam diminuídos nem assumam o estilo de vida laical – o que seria uma grande perda para o Instituto e a Igreja. Sammon (2006, p. 53) pondera que “precisamos não apenas acolher o que temos em comum, mas igualmente saber o que nos distingue”, pois “à medida que ajudarmos o laicato marista a viver mais plenamente sua vocação no mundo, passaremos a entender melhor a graça de nossa vocação de Irmãos”. Essa relação, uma vez pautada na harmonia e na complementaridade, não perde de vista os elementos específicos de cada opção de vida e nem cede à tentação de querer substituir uma pela outra.

9.2 Mais vitalidade para a missão marista

Como sua vocação e opção de vida são distintas e complementares em relação às dos Irmãos, os leigos podem ajudar “na integração das dimensões da missão”, pelo compromisso demonstrado; trazer “novas contribuições para o entendimento do Carisma”, a partir da maneira como vivem esse dom de Deus na vida laical; “ser parceiros na espiritualidade, na vida partilhada, nos processos de animação, gestão e governança, na realização da missão”; e “dar suporte ao trabalho dos Irmãos (...) e assegurar a continuidade da missão marista para o futuro, já que os Irmãos estão envelhecendo”. Em muitas províncias, especialmente em países europeus e no Canadá, é real o risco de desaparecer a missão marista se os leigos não a assumirem, pois, enquanto são poucos os Irmãos – e idosos, em sua maioria –, os leigos “somos muitos; se vivemos de verdade o Carisma, seremos capazes de fazer com que seja transmitido a outras pessoas e a outras gerações como algo valioso e que merece ser herdado”. Nessas regiões, a continuidade do legado de Champagnat está, literalmente, nas mãos dos leigos. Eles demonstram consciência disso e da sua responsabilidade para que a vida marista não desapareça, por isso sentem-se impelidos a “partilhar o Carisma Marista, vivê-lo, contagiar outros com ele”. Green (2014, p. 7-8) confirma que “o futuro do movimento da educação marista dependerá de seus membros e seu poder de igualmente atrair novos membros, sustentar sua essência e recriá-lo, considerando a época em que vivem, sua cultura e as circunstâncias que os rodeiam”.

Há aportes para além da perenidade institucional, que se devem ao perfil dos leigos – “alguns trazem habilidades técnicas que não são encontradas entre os Irmãos, mas sumamente necessárias para nossa missão” – e ao estilo de vida laical: pela diversidade de ambientes em que os leigos transitam, eles não apenas “contribuem para a disseminação e vivência dos valores maristas nos ambiente em que estão”, como também “trazem sua riqueza de experiências vividas, que são necessariamente diferentes daquelas dos Irmãos”. Há uma gama de relações na vida laical que pode ser contagiada pelo Carisma, para que sejam mais humanas, fraternas, recíprocas. Assumindo as características maristas, os leigos “nos tornamos uma fonte real de energia e inspiração nos momentos comuns da vida, à medida que conectamos os elementos da fé e da vida de uma maneira muito natural. Isso pode se dar em nossas famílias, com amigos ou com nossos colegas de trabalho”. É a partir dessas interações que “oferecemos nossa energia, paixão e amor a Deus”, “para que o espírito de família siga fomentando famílias unidas que sejam o núcleo que alimenta cada ser humano, sentindo-se amado pelos pais e irmãos, começando pela sua própria casa e, depois, procurando que cada pessoa com quem se

relaciona experiente sentir-se parte de uma família/comunidade que o acolhe e acompanha como uma extensão do que tem em casa”.

O mesmo Espírito de família leva à proximidade dialógica com os Irmãos: os leigos “devem se empenhar mais para colaborar, estar em constante diálogo e discernir com os Irmãos no espírito de uma família”, assim como “estar mais atentos aos chamados dos tempos espalhados pelo mundo, sair do conforto de suas escolas ou instituições maristas e chegar aos lugares do mundo onde Jesus deve ser conhecido e amado”. Assim, podem desenhar “novas formas de viver o carisma, que o enriqueçam e tornem possíveis novas respostas às necessidades de hoje”. Os leigos podem trazer para o ambiente institucional “a criatividade e a audácia para assumir novos desafios, a simplicidade de vida e a simplicidade [como pessoas], que são necessárias para deixar-se encher de Deus” e contribuir para que espaços e estruturas institucionais estejam a serviço da missão marista como um todo, já que “somos chamados a cultivar um horizonte internacional, em nossos corações e mentes” (XXI CG, p. 40).

É acentuada a preocupação em “viver os ideais dos ‘Maristas novos em missão’”, lema da II Assembleia Internacional da Missão Marista (Nairóbi, 2014), e ajudar os Irmãos a fazer o mesmo, o que significa “transpor os muros” institucionais, “procurar novas maneiras de partilhar nossa missão com todos”, “ampliar o alcance do trabalho com os jovens necessitados” e “chegar àqueles que não tenham necessariamente contato com os Irmãos Maristas pelo nosso tradicional passado nas escolas”. Os leigos podem “iluminar os Irmãos para um novo jeito de viver o carisma, um novo jeito que os convida a sair de suas zonas de conforto e a ser mais Irmãos que gestores e funcionários”. Para Turú (2014, p. 5), o desprendimento e a disponibilidade para a missão deveriam ser cultivados por todos os Maristas de Champagnat: não se trata de “imaginar a Igreja como uma tenda, mas de aceitar com alegria morar nela, com tudo o que isso significa de provisório, de temporário, de adaptação, de viver na intempérie, porém também de acolhida, de relacionamento...” É o mesmo sentido com que o Papa Francisco se dirige aos consagrados, desafiando-os a verem sua opção de vida “como certezas provisórias, situações novas, provocações em contínuo processo, constâncias e paixões gritadas pela humanidade contemporânea” (Congregação para os Institutos de Vida Consagrada, 2014, p. 5).

Em suma, os leigos podem aportar à missão marista maior amplitude de públicos, lugares e formas de ser presença junto a crianças, adolescentes e jovens, especialmente aqueles que não estão nas obras maristas e/ou que demandam deslocamento para outras realidades. Mas

não farão isso sozinhos: necessitam estar junto com os Irmãos, para que ambos cresçam em “parceria e acréscimo de uma nova relevância para um chamado sempre renovado”. Irmãos, Leigas e Leigos, demonstrando “abertura ao espírito” para discernir “a situação local e, em espírito de oração, definir a ação”, encontrarão juntos “formas novas e criativas de educar, evangelizar e defender os direitos das crianças e jovens pobres, mostrando-nos solidários com eles” (XXI CG, p. 40). Um cuidado necessário é fazer isso com a leveza destacada por Turú (2015, p. 4): a missão é como o movimento de uma dança, “como se Deus fosse uma dança de vida, amor e energia que se move pelo mundo, convidando a participar dela. E quantos mais se unirem à dança, mais pessoas se sentirão atraídas por ela.” Irmãos, Leigas e Leigos não só podem como devem se juntar em harmonia ao ritmo desta dança.

9.3 Processos formativos que favoreçam a vivência do Carisma

A qualidade dos aportes trazidos pelo laicato resulta do seu processo de formação, vivência e conhecimento do Instituto. Daí a necessidade de investimento “por meio de vários programas de formação” que possibilitem aos leigos “aprofundar a compreensão do Carisma e então vivê-lo”. O Carisma é vivido, sem dúvida, mas também conhecido, estudado, aprofundado... Por isso, “a formação de leigos e leigas que trabalham nas obras maristas” é condição *sine qua non* para que, “empoderados para partilhar o Carisma e a Espiritualidade de Champagnat com outros, jovens e adultos”, possam “contagiar o amor a Jesus e a Maria, sendo exemplo para seus companheiros e para os adolescentes”. Conhecer e viver o Carisma por osmose não cabe mais, no tempo presente. Assim, os leigos que participaram de processos formativos têm condições de analisá-los criticamente e enriquecer os diversos itinerários para que dialoguem com seu estilo de vida (EMM, 157) e favoreçam o conhecimento, aprofundamento e vivência do Carisma.

A formação dos leigos é também uma condição para a missão compartilhada: “sendo corresponsáveis, nós podemos fornecer educação/formação, tendo tempo para atividades com crianças, sacramentos, encorajar as crianças sobre sua própria educação e crescimento, hospitalidade, espírito de família e cuidado pastoral”. É necessário que os leigos sejam preparados para o que se espera deles; que os Irmãos estejam em sintonia com essa demanda; e que os processos sejam comunitários, experienciais, integrais, integradores, favoreçam a tomada de consciência do lugar no mundo e estimulem o compromisso com a justiça e a sustentabilidade (EMM, 159-162).

Isso vale para todos os processos formativos, destacando as especificidades de cada um. Que os processos dos Irmãos favoreçam o desenvolvimento de uma visão mais ampla sobre o mundo marista e estimulem uma relação de corresponsabilidade com os leigos; que os processos laicais subsidiem os leigos para assumir sua vocação e desempenhar um papel mais assertivo na vida do Instituto; e que os processos de formação conjunta contemplem as peculiaridades da vida consagrada, as especificidades da vida laical e a inter-relação entre ambas, no espírito de comunhão necessário ao futuro do Instituto Marista (EMM, 156-158).

Para um leigo, sendo leigos maristas “estamos sobre os ombros de gigantes”⁹: o reconhecimento e destaque atual para o laicato marista se deve às pessoas extraordinárias que prepararam este caminho. A frase remete também à imagem da canonização de Champagnat, “O gigante do amor”, que carrega uma criança sobre os ombros. Como bem resumiu um outro, “leigos e Leigas aportam vitalidade ao Carisma Marista vivendo sua vocação específica e relacionando-a com a vocação do Irmão; vivendo o Carisma e testemunhando-o no jeito de ser, na vida fraterna, na espiritualidade e na missão; estando disponíveis à ação do Espírito de Deus e ajudando outros em seu processo vocacional”.

Conceber o lugar do laicato de maneira tão proativa é realidade palpável em algumas Unidades Administrativas, distante em outras e desafiadora em umas terceiras. Sem entrar na discussão de como isso se dará, concretamente, tudo indica que o caminho desenhado pelo Instituto Marista para o seu laicato é que Leigas e Leigos possam, na expressão de uma leiga, “tomar seu lugar como conutridores do Carisma”. O neologismo, criado com o sentido de nutrir conjuntamente, assinala que a vivência laical marista consiste em não apenas alimentar no Carisma sua vocação, missão e opções de vida, como também aportar-lhe vitalidade, fazê-lo crescer e proporcionar a outras pessoas a oportunidade de encontrar nesse dom de Deus um sentido para suas vidas. As elaborações dos leigos e leigas sobre sua vivência marista, assim como os sentidos atribuídos a partir da missão, vida partilhada e espiritualidade, podem ser agrupadas em torno desta visão. Aqui está uma nova chave de leitura para se compreender quem são os leigos maristas, como vivem o Carisma na opção de vida laical, qual é seu lugar no mundo marista, como se percebem nele, como podem inspirar outros a fazer o mesmo e quais perspectivas apontam hoje para o presente e o futuro do Instituto Marista.

⁹ Metáfora atribuída a Bernard de Chartres, filósofo neoplatônico do século XII, e popularizada por Isaac Newton (1642-1726) para reconhecer que os avanços científicos do seu tempo devem muito à contribuição de seus predecessores.

Considerações finais

Uma primeira constatação, após a análise e discussão dos dados, é que os leigos e leigas pesquisados demonstram consciência de sua condição laical e das implicações dela decorrentes; cultivam sua vocação nas tarefas que desempenham, nas relações que estabelecem e no estilo de vida que adotam; conseguem situar-se no Instituto, a partir da Unidade Administrativa, e lançar um olhar amplo, crítico e prospectivo sobre a vida marista no mundo. Referendam que as três dimensões – a missão, a vida partilhada e a espiritualidade – realmente caracterizam e identificam o laicato marista. Embora as três sejam igualmente importantes e inter-relacionadas, a missão parece ser o caminho mais comum para a descoberta e vivência da vocação laical. Mesmo que o primeiro contato com o Carisma se dê inicialmente por meio da colaboração profissional, possibilita a descoberta dos seus componentes e a identificação com o modo marista de fazer educação, evangelização, solidariedade e *Advocacy*.

A missão, compreendida de maneira mais ampla do que a função laboral exercida na UA, é significativa por várias razões: pela presença junto às crianças, adolescente e jovens, assim como pela ação educativo-evangelizadora desenvolvida com eles; pelo sentido de realização pessoal, profissional e cristão no trabalho; pela interação humana no espaço profissional, em outros espaços maristas e nas diversas esferas de relacionamento; pela concretude desta forma de discipulado cristão; pela formação e crescimento pessoal, conhecimento de outras realidades e ampliação da visão de mundo; e pela construção de relações interpessoais e de vínculos afetivos. Reconhecendo-se, pessoal e profissionalmente, nos espaços da missão marista, assumem-se corresponsáveis pela sua continuidade. Segundo os leigos, todos esses elementos identificam e caracterizam sua maneira de contribuir com a missão legada por Champagnat.

Tão importante quanto o desenvolvimento da missão é a vida partilhada com companheiros de trabalho, familiares, amigos, outros leigos e leigas e com os Irmãos. A partilha de vida acontece no espaço de trabalho, no ambiente familiar, nas relações interpessoais, nos lugares da missão, na comunidade marista e na comunidade eclesial. É favorecida pelas afinidades e pelo tempo passado juntos, devido ao trabalho, formação, apostolado, oração e convivência, nos ambientes maristas e em outros. A vida partilhada é também fator de crescimento para a vocação laical, a missão compartilhada, a vida de fé e o sentido de pertença institucional.

A partilha de vida com os Irmãos não é comum a todos os leigos. Alguns relatam distanciamento ou resistência dos Irmãos, mesmo havendo convivência frequente, enquanto outros vivenciam relações verdadeiramente fraternas, recíprocas e de crescimento mútuo, especialmente a partir dos vínculos estabelecidos na missão e na vida comunitária. A convivência contribui ainda para minimizar possíveis resistências e favorecer a criação de laços afetivos, o aprofundamento das vocações específicas, o sentido de complementaridade entre elas e a relação de corresponsabilidade e comunhão entre Irmãos, Leigos e Leigas.

Tanto a missão quanto a partilha de vida alimentam uma espiritualidade do cotidiano, afetiva e relacional, simples e fundada numa experiência significativa do amor de Deus e do seguimento de Jesus. A missão marista é reconhecida como uma forma de apostolado cristão, tendo como referência Champagnat e seu discipulado missionário. Maria, vista mais como discípula do que como objeto de devoção, inspira um estilo de vida simples e coerente com os valores maristas. Os leigos referem-se tanto ao Fundador quanto à Boa Mãe em diversas circunstâncias, não apenas no tocante à espiritualidade. Alimentam a vida de fé em momentos individuais e coletivos de oração, meditação, leitura, reflexão e partilha, assim como na convivência, no apostolado e nos acontecimentos do dia a dia. Destacam a importância da interioridade e do silêncio para cultivar a relação com Deus, as opções de vida, as relações interpessoais e o próprio sentido de ser leigo marista. Confirmam, desta forma, que a espiritualidade marista é simples, prática, cotidiana, sem complicações.

O grupo pesquisado tem consciência de sua importância para a vida do Instituto, demonstrada em várias situações. Nas Unidades Administrativas em que a maioria dos Irmãos é idosa e não há formandos nem jovens Irmãos, reconhecem que a presença dos leigos na missão é não apenas necessária e enriquecedora, mas fundamental para a perenidade institucional. Alguns assumem funções que, até então, eram exercidas exclusivamente pelos Irmãos, e não relatam conflitos decorrentes disso; e essa presença supre, na convivência, a necessidade de afeto, contato humano e cuidado dos Irmãos, especialmente os idosos.

Nas outras UA's, os leigos destacam que sua presença na vida marista é importante por várias razões: aportam contribuições advindas dos outros ambientes em que transitam, em geral mais variados que os dos Irmãos; contagiam com o espírito marista esses espaços onde se fazem presentes; sentem menos que os Irmãos o peso da vinculação institucional e, por isso, vivem com mais leveza a opção de vida marista; demonstram disponibilidade de deslocamento missionário para onde a presença marista é mais necessária; e, convivendo com os Irmãos e

partilhando a missão, constroem relações de interdependência, corresponsabilidade e reciprocidade, enriquecendo mutuamente suas respectivas vocações e opções de vida.

Sobre o sentido de ser leigo marista, reconhecem que se fundamenta no chamado vocacional, na identificação com o Carisma e na opção por vivê-lo no dia a dia. Daí decorrem um estilo de vida coerente com os valores maristas, nas diversas esferas da vida; a corresponsabilidade pela vida do Instituto, no que se refere a missão, vida comunitária, espiritualidade, formação de pessoas, gestão, atenção a novas demandas e apelos, presença nas diferentes realidades e continuidade do legado marista para outras gerações; e o compromisso com a própria formação e vivência, em vista de cumprir bem o que lhes compete e testemunhar sua opção por viver como leigos maristas.

Essa opção de vida apresenta elementos comuns e específicos em relação à vivência dos Irmãos. São específicos o estilo de vida decorrente da opção vocacional, desenvolvida predominantemente no espaço institucional, para os Irmãos, e em espaços variados, inclusive na constituição da família, para os leigos; a dinâmica dos processos formativos, sistematizados e com etapas definidas (Irmãos) e mais fluidos, pouco sistemáticos e, em muitas UA's, incipientes ou em processo de construção (Leigos); a forma de vida comunitária, a maior parte na comunidade religiosa e em outros espaços maristas (Irmãos) e em grupos formais e informais, relações interpessoais e comunidades de formatos variados (Leigos); e as funções institucionais: gestão e governo, assim como deliberações institucionais, estão sob responsabilidade dos Irmãos, na maioria dos casos, enquanto os leigos assumem tarefas de animação, desenvolvimento de iniciativas diversas e presença junto aos interlocutores da missão.

Quanto aos elementos comuns na vivência do Carisma, destacam-se a espiritualidade apostólica, mariana, fundada na experiência do Deus Amor e alimentada no dia a dia da missão, nas relações e na convivência; a vida em comunidade, nos espaços onde se fazem presentes cotidianamente; a necessidade de uma nova relação entre Irmãos, Leigas e Leigos, construída em torno do Carisma e em vista do futuro de comunhão; e o sentimento de serem também herdeiros de Champagnat, com vinculações diferentes e a mesma responsabilidade de conhecer, viver, manter vivo e transmitir esse legado a outras gerações.

Essas conclusões são gerais para todos os Irmãos, Leigos e Leigas? Certamente não. Mesmo com a concepção comum sobre o laicato marista, é grande a sua diversidade, no que se refere a tempos e formas de presença na vida do Instituto, conhecimento da história marista,

tradições religiosas, experiências vitais, formas de contribuir com a missão, relação com os Irmãos, idade, gênero, inserção eclesial, lugar no itinerário vocacional laical e no próprio processo de assumir o Carisma como parte da sua vida. O grupo pesquisado tem uma vivência, formação e autoconsciência laical que grande parte dos leigos maristas, ainda em processo vocacional e formativo, está por alcançar. Mas evidencia os frutos de um processo laical vivido de forma consciente e livre, a partir de uma opção pessoal, e sinaliza algo de como será o novo começo proposto pelo Instituto, tendo como marco o ano do bicentenário: as vocações religiosas e laicais, assim como os itinerários definidos para desenvolvê-las, aportam contribuições distintas para a continuidade da vida marista. Por isso, ainda que se percebam limitações, resistências e dinâmicas diferentes no desenvolvimento dos itinerários formativos e na construção da comunhão entre Irmãos, Leigas e Leigos, chegará um tempo em que estes serão identificados não pelo que os diferencia, mas pelo que os une em torno do Carisma de Champagnat.

Referências bibliográficas

- Almeida, J. A. (2006). *Leigos em quê? Uma abordagem histórica*. São Paulo: Paulinas.
- Boff, L. *A dimensão do profundo: o espírito e a espiritualidade*. Recuperado de <https://leonardoboff.wordpress.com/2012/08/27/a-dimensao-do-profundo-o-espírito-e-a-espiritualidade/>
- Botana, A. (2008). *Compartir carisma y misión con los laicos. La familia evangélica como horizonte*. Cuadernos de formación permanente para religiosos (Vol. 62). Vitoria-Gasteiz: Instituto Teológico de Vida Religiosa.
- Brighenti, A. (2006). Algumas coordenadas teológicas em torno ao discipulado e à missão na América Latina hoje. *Encontros teológicos* nº 45, pp. 9-35.
- Concílio Ecumênico Vaticano II. (2102). *Lumen Gentium: Constituição dogmática sobre a Igreja*. São Paulo: Paulinas. 23ª ed.
- Concílio Ecumênico Vaticano II. (1965). *Apostolicam Actuositatem*. Recuperado de http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decree_19651118_apostolicam-actuositatem_po.html
- Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica. (2014). *Perscrutai*. São Paulo: Paulinas.
- Conselho Episcopal Latino-Americano. (2007). *Documento de Aparecida. Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e Caribe*. São Paulo: Paulinas.

- Croatto, J. S. (2004). *As linguagens da experiência religiosa. Uma introdução à fenomenologia da religião*. São Paulo: Paulinas. 2ª ed.
- Estaún, A. M. (2012). A Família Marista segundo o Irmão Virgílio León. *Cadernos Maristas*, nº 30, pp. 7-43.
- Estaún, A. M. (2014). *Pedagogia da presença marista*. Curitiba: Grupo Marista.
- Francisco, Papa. (2013). *Evangelii Gaudium – A alegria do Evangelho: sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual*. Petrópolis: Loyola.
- Furet, J. B. (1999). *Vida de São Marcelino José Bento Champagnat*. São Paulo: Loyola.
- González Rey, F. (Org.). (2005). *Subjetividade, complexidade e pesquisa em psicologia*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning.
- González Rey, F. (2005). *Pesquisa qualitativa e subjetividade. Os processos de construção da informação*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning.
- Green, M. (2015). *A educação marista a partir de 1993: sua vitalidade e seu potencial para a criação de uma nova realidade*. Coleção Carisma e princípios educativos maristas (Vol. 3). Curitiba: Champagnat.
- Instituto dos Irmãos Maristas. (1993). *Atas do XIX Capítulo geral*. Roma: Instituto dos Irmãos Maristas. Recuperado de <http://www.champagnat.org/203.php?caso=1&cap=XIX>
- Instituto dos Irmãos Maristas. (1996). *Constituições e estatutos*. Roma: Instituto dos Irmãos Maristas.
- Instituto dos Irmãos Maristas. (2001). *Documento final do XX Capítulo geral*. Roma: Instituto dos Irmãos Maristas.
- Instituto dos Irmãos Maristas. (2003). *Missão educativa marista: Um projeto para o nosso tempo*. 3ª ed. São Paulo: Simar.
- Instituto dos Irmãos Maristas. (2007). *Água da rocha: espiritualidade marista fluindo da tradição de Marcelino Champagnat*. Roma: Instituto dos Irmãos Maristas.
- Instituto dos Irmãos Maristas. (2009). *Documento final do XXI Capítulo geral*. Roma: Instituto dos Irmãos Maristas.
- Instituto dos Irmãos Maristas. (2009). *Em torno da mesma mesa. A vocação dos leigos maristas de Champagnat*. Roma: Instituto dos Irmãos Maristas.
- Lanfrey, A. (2015). *Marcelino Champagnat e os primeiros Irmãos Maristas 1789-1840: Tradição educativa, espiritualidade missionária e congregação*. Coleção Carisma e princípios educativos maristas (Vol. 1). Curitiba: Champagnat.
- Moral Barrio, J. J. (2015). *A vitalidade do paradigma educativo marista (1840-1993)*. Coleção Carisma e princípios educativos maristas (Vol. 2). Curitiba: Champagnat.

- Pagola, J. A. (2012). *Jesus: aproximação histórica*. 5ª ed. Petrópolis: Vozes.
- Paredes, J. C. R. G. (2014). !Comunidad! algunos apuntes. *Vida Religiosa*, vol. 117, nº 6, p. 39-43.
- Sammon, S. (2003). *Uma revolução do coração. A espiritualidade de Marcelino e uma identidade contemporânea para os Irmãozinhos de Maria*. Circulares (Vol. XXXI, nº 1). Roma: Instituto dos Irmãos Maristas.
- Sammon, S. (2005). *Maravilhosos companheiros. A vida comunitária dos Irmãozinhos de Maria*. Circulares (Vol. XXXI, nº 2). Roma: Instituto dos Irmãos Maristas.
- Sammon, S. (2006). *Tornar Jesus Cristo conhecido e amado. A vida apostólica marista hoje*. Circulares (Vol. XXXI, nº 3). Roma: Instituto dos Irmãos Maristas.
- Sammon, S. (2009). *Em seus braços ou em seu coração. Maria, nossa Boa Mãe. Maria, nossa fonte de renovação*. Circulares (Vol. XXXI, nº 5). Roma: Instituto dos Irmãos Maristas.
- Secretariado de Leigos Maristas. (2012). *A abertura crescente aos leigos e o processo de compreensão da nova maneira de ser Irmão*. Recuperado de <http://www.champagnat.org/330.php?a=2&id=4231>
- Turú, E. (2012). *Deu-nos o nome de Maria*. Circulares (Vol. XXXII, nº 1). Roma: Instituto dos Irmãos Maristas.
- Turú, E. (2014). *O futuro tem um coração de tenda*. Carta do Superior Geral. Roma: Instituto dos Irmãos Maristas. Recuperado de http://www.champagnat.org/e_maristas/emili_turu/CartaSuperior2014_10_PT.pdf
- Turú, E. (2015). *Montagne: a dança da missão*. Carta do Superior Geral. Roma: Instituto dos Irmãos Maristas. Recuperado de http://www.champagnat.org/e_maristas/emili_turu/LetterEmili2015Low_pt.pdf
- Vygotsky, L. S. (2009). *A construção do pensamento e da linguagem*. 2ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes.